

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

LENDAS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE VERSÕES DE UM MESMO
CONTINENTE

Bolsista: Rosane Cristina Reis Rabelo, FAPEAM

MANAUS – AM
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO PARCIAL
PIB-SA/0068/2011
LENDAS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE VERSÕES DE UM MESMO
CONTINENTE

Bolsista: Rosane Cristina Reis Rabelo, FAPEAM
Orientadora: Prof^a Dr^a Antonia Silva Lima

MANAUS – AM
2012

RESUMO

As lendas possuem em suas narrativas uma consciência comunitária que nos permite compreender o homem primitivo e, por conseguinte, a nós mesmos. Isso porque, o mito de origem é considerado uma narrativa verdadeira, pois trata de fenômenos que vieram a existir, demonstrando o surgimento de uma determinada realidade e realçando a tradição cultural que ainda permanece em dias contemporâneos. Esta pesquisa teve como base o estudo de lendas brasileiras e argentinas, tomando-se como ponto de referência os elementos universais: fogo, terra, água e ar. Sendo quatro de cada país, totalizando oito lendas analisadas. As lendas brasileiras analisadas foram: “IPUNA-CAÁ - A soberana dos lagos”, “O roubo fogo”, “Lenda de Mani” e o “Uirapuru”, e das lendas argentinas: “O Uapé”, “Os chiriguanos e o fogo” (Los Chiriguanos y el fuego), “A sombra de Ombú” (La sombra Del ombú) e “A tristeza do urutaú” (La tristeza del urutaú). Este estudo se deu em torno dos seguintes pontos: cenário da história, as personagens, as sequências das histórias, a projeção das ações das personagens e outros que foram identificados nas lendas. Tais pontos foram fundamentados na Teoria de Vladimir Propp, autor do Método Morfológico do Conto Maravilhoso. O estudo com as lendas é uma tentativa de aproximar as estruturas das versões, mostrando as diferenças e semelhanças existentes entre uma história e outra, bem como de fazer uma analogia com as versões das lendas brasileiras com as argentinas, ou seja, de outro país e outro tempo. Com a pesquisa realizada, buscou-se contribuir com a valorização da cultura de tradição oral, divulgá-la entre as gerações mais jovens e a responder questões referentes às existências e às origens de fatos e seres. Além de oferecer informações acerca do assunto às gerações atuais, pretendeu-se, ao mesmo tempo, conhecer as fontes existentes na literatura de tradição oral brasileira e argentina, cuja origem se dá na cultura de seus antepassados. Como resultado do estudo, as versões das lendas identificadas e analisadas, tanto nas quatro brasileiras, como nas quatro argentinas, notou-se que a essência de cada versão, apesar de serem de lugares diferentes, é similar. Já que as histórias analisadas apresentam, a partir de cada elemento universal, a mesma temática, como a do ressurgimento identificada em quase todas as versões estudadas. As narrativas, em sua maioria, são semelhantes quanto: aos cenários, tendo a natureza como espaço de realização das sequências da história; às personagens, que na maior parte, são jovens indígenas, entre outras. Portanto, concluiu-se que em cada parte ou lugar do mundo existe uma era lendária, gloriosa e histórica, a qual se eterniza no repasse às novas gerações, precisando ser proclamada a todos.

Palavras – chave: mito; lenda e cultura de tradição oral; elementos universais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
2 OBJETIVOS	07
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
3.1 A TEORIA DE VLADIMIR PROOP.....	09
3.2 OS ELEMENTOS UNIVERSAIS: ÁGUA, FOGO, TERRA E AR.....	14
4 METODOLOGIA	17
5 RESULTADOS	19
5.1 IDENTIFICAÇÃO DAS VERSÕES.....	19
5.2 AS LENDAS ESTUDADAS.....	20
5.2.1 AS VERSÕES DAS LENDAS DO ELEMENTO ÁGUA.....	20
5.2.1.1 LENDA AMAZÔNICA.....	20
5.2.1.2 LENDA ARGENTINA.....	22
5.2.2 AS VERSÕES DAS LENDAS DO ELEMENTO FOGO.....	25
5.2.2.1 LENDA AMAZÔNICA.....	25
5.2.2.2 LENDA ARGENTINA.....	27
5.2.3 AS VERSÕES DAS LENDAS DO ELEMENTO TERRA.....	30
5.2.3.1 LENDA AMAZÔNICA.....	30
5.2.3.2 LENDA ARGENTINA.....	32
5.2.4 AS VERSÕES DAS LENDAS DO ELEMENTO AR.....	35
5.2.4.1 LENDA AMAZÔNICA.....	35
5.2.4.2 LENDA ARGENTINA.....	37
5.3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS VERSÕES.....	43
5.4 QUADRO COMPARATIVO DAS VERSÕES.....	49
6 CONCLUSÃO	59
7 REFERÊNCIAS	60
8 CRONOGRAMA	62

INTRODUÇÃO

As lendas são fontes de saberes milenares, são o resultado da convivência do homem com o seu meio. Essa relação do homem com aquilo que lhe envolve, o levou a formular histórias fantásticas, que buscavam responder inúmeras questões relacionadas com a existência das coisas, do mundo e de si próprio. Assim, nasceram as lendas que até os dias de hoje permanecem em nosso acervo cultural. É nesse cenário que subsistem as populações indígenas, com sua religiosidade. Existem também os povos da floresta em geral, que sobrevivem no encantamento de uma realidade lendária, onde usam a lenda para prevenir danos morais, éticos e ecológicos. Assim, este homem constrói a sua sobrevivência.

A reflexão lendária possui uma riqueza milenar que necessita ser conservada como referencial ético – cultural- religiosa: “É assim que estou falando. Vocês meus netos, têm que tomar cuidado. Têm que cuidar de todo esse ensinamento. A tradição deve permanecer. Ela vem antes de nós e vai seguir em frente.” (XAVANTE, apud JATOBÉ, 2000, p.2).

A lenda é uma manifestação da vitalidade cultural de um povo, é uma força dialética, e por isso, gostaríamos de verificar uma parte desse vasto campo de saberes. Trata-se de respostas às questões sobre a origem do mundo, dos elementos, dos fenômenos e do homem. Essa narrativa permite-nos compreender o homem primitivo. Ele é a matriz primordial da civilização. A lenda, nesse sentido, traduz-se como mito de origem - história sagrada que mostra o surgimento de uma determinada realidade (ELIADE, 2002).

O estudo, inicialmente, projetado, tem como base as pesquisas de iniciação científica realizada desde 2003, a partir do estudo realizado na tese de doutorado acerca de uma lenda amazônica “A lenda da Vitória-Régia”. A partir desta investigação, foi gerada a curiosidade de estudarmos lendas de países de um mesmo continente, visando fazer uma aproximação de versões com os elementos universais: fogo, terra, água e ar. Buscamos, com isso, contribuir com a divulgação e com o processo de valorização da cultura de tradição oral dos vários povos que guardam em sua memória o rumor da cultura tradicional.

Fizemos um estudo, verificando semelhanças e diferenças entre uma versão e outra nos seguintes pontos: cenário da história; as personagens; a sequência da história; a projeção das ações das personagens; e outros que poderão ser identificados nas lendas. Tais pontos estão fundamentados na teoria de Wladimir Propp, estudioso do folclore russo, que criou o método morfológico do conto maravilhoso (PROPP, 1971). Tal método elaborado a partir de estudos com contos de fadas (contos de magia russos). Vladimir Propp apresenta um estudo

das formas e leis da estrutura do conto, identificando a sequência narrativa e as funções das personagens.

As funções associam-se aos pares para compor as sequências da história. Na análise de uma história, deve-se identificar, em primeiro lugar, de quantas sequências ela é composta. Elas podem vir uma após a outra ou entrelaçadas, como se abrissem espaço para permitir que outra sequência se intercale.

Encontramos grandezas constantes e grandezas variáveis. O que muda são os nomes (e, com eles, as características) das personagens; o que não muda são as suas ações, ou funções. Propp analisou em torno de 100 contos para formular a teoria morfológica do conto de magia.

A preocupação com a realização desta pesquisa se dá em função da idéia inicial de investigarmos lendas de outros países para identificarmos pontos comuns entre elementos socioculturais que se aproximam ao fazerem parte dos elementos universais presentes no mundo inteiro. Aproximamos duas lendas em cada elemento, sendo uma de cada país: Brasil e Argentina, pelo fato de termos identificado uma versão do elemento água no Brasil que tem uma aproximação com uma versão do elemento água na Argentina. Trata-se da lenda da Vitória-Régia, cujos elementos se aproximam da lenda “O Uapé”. Verificamos pontos de semelhanças e diferenças entre as várias versões dessas narrativas e, ao mesmo tempo, buscando contribuir com o processo de construção de conhecimento acerca da cultura de tradição oral dos povos desses. Com o estudo realizado, dispomos de subsídios que contribuirão com a valorização do manancial existente na literatura de tradição oral, cuja origem se dá na cultura dos antepassados.

São milhares de histórias que sintetizam e sistematizam a visão de mundo e expressam seus anseios, suas indagações acerca da vida. Disso, resulta o acervo cultural de nossas origens, que necessita ser conhecido, explorado e valorizado na contemporaneidade, como forma de identificação cultural de novas gerações.

2 OBJETIVOS

- Aproximar lendas do Brasil e da Argentina, com os elementos universais fogo, terra, água e ar (duas contendo cada elemento), verificando pontos comuns e diferentes entre elas nos planos geográfico, socioculturais, sequência da história, personagens, cenários, projeção das ações das personagens e outros.
- Analisar as versões das lendas, dos países Brasil e Argentina, tendo como ponto de partida a lenda da “Vitória-Régia” (Brasil) e a lenda “Uapé” (Argentina), com o elemento universal **água**.
- Criar um banco de dados com as versões identificadas para se dar continuidade a estudos posteriores, servindo de acervo (subsídios) para divulgação das lendas nos espaços escolares e outros.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao estudarmos a história da humanidade, percebe-se que a lenda sempre esteve presente na vida do homem na busca de explicar a genealogia dos deuses, a criação do mundo e do homem, os fenômenos naturais, entre outros. Desde a sua origem, o homem carrega consigo a inquietude de saber as origens e os motivos de todas as coisas. São várias as formas que ele tenta comunicar-se, falando daquilo que o surpreende, do sagrado e do misterioso. A lenda, portanto, é a tentativa de dizer o indizível. A lenda é uma resposta à tentativa antiga e eterna de responder às questões sobre a origem do mundo, dos elementos, dos fenômenos.

Por essas características, muitas lendas amazônicas são mitos de origem, visto que o mito de origem conta e justifica uma situação nova, como por exemplo, a origem do fogo, de uma planta, de um rio, ou de um ser.

Os mitos de origem são histórias sagradas que mostram o surgimento de uma determinada realidade. Esses mitos são considerados histórias verdadeiras, porque os fenômenos dos quais tratam vieram a existir. Conforme Chauí (2003), o mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças das guerras, do poder, etc.)

Na região amazônica, a importância desse saber mítico lendário perpassa por questões históricas, antropológicas, psicológicas, enfim, o que chamamos hoje de cultura recebeu grande influência dessa consciência mítica. O valor do mítico lendário não fica preso ao passado, ele traz sua marca no atual, naquilo que se constrói hoje como saber.

O saber mítico lendário permeia cidades, municípios, bairros, ruas, e todos os espaços da região amazônica. Não há como negar a influência desses elementos culturais em nosso meio é como se houvesse um pacto mítico entre os seres humanos e o meio em que habita. Como nos discorre Buzzi (1995), chamando esse ambiente de união mítica:

Por toda parte, diretamente e antes de nossas idéias, preconceitos, conformismo e expectativas de toda sorte, a amplitude do concreto irrompe dentro e fora de nós, compacta e incontornável. Por toda a parte, nosso olhar vê o pássaro que canta na ramagem da árvore em flor, pendente na ribanceira, juntos as águas do rio que corre repentina [...] A amplitude do concreto – sem nome os envolve corpo a corpo, ininterruptamente, numa aliança indiscutível, bem antes de nossas consciências. Esta aliança é mítica.

Segundo Junito de Souza Brandão (1993), “Os mitos são, por isso, os depositários de símbolos tradicionais no funcionamento do self cultural, cujo principal produto é a formação e manutenção da identidade de um povo”. Essa afirmação de Brandão esclarece o verdadeiro significado do mito diante da realidade, que é multiplicar a cultura de um povo. Essa multiplicação está vigente na realidade amazônica, e ver-se que na verdade só se compreende o mítico quando se experimenta a realidade onde ele se manifesta, o dia-a-dia de nosso Estado nos oferece essa realidade mítica, nas festas, danças e histórias. E é através do conhecimento da floresta o mito se apresenta e se propaga como narrativas e lendas que fazem parte da identidade do índio, do caboclo, enfim, daqueles que são encantados pelos diferentes modos e maneiras de retratar a realidade que é resultado dessa relação entre o homem e sua cultura e o meio que vive.

A realidade amazônica é lendária por excelência. Sendo assim, possui uma verdade dogmática. É um mundo que precisa ser encarado conforme o sentido da tradição de quem neste mundo habita. A lenda possui uma consciência comunitária. Conforme Eliade (2002), o homem nunca realmente se despreendeu do pensamento mítico, o mundo moderno não abriu mão das mitologias do passado, ainda hoje se vive repleto por mitologias, que tomam rumos diferentes, mas que conduzem as mesmas questões da criação mítica, que no início pretendia explicar o mundo e hoje em dia é usada para preencher o vazio do homem pós-moderno.

A lenda permite-nos compreender o homem primitivo e, por conseguinte, a nós mesmos. O homem primitivo não pode ser encarado como o negativo de nossa civilização, mas sim, como sua matriz primordial. Somos hoje parte desses saberes, acrescidos àqueles que foram se desenvolvendo no decorrer da história do homem.

3.1 A TEORIA DE VLADIMIR PROPP¹

O método morfológico do conto maravilhoso proposto por Vladimir Iakovlevich Propp, especialista em folclore e etnologia, foi criado a partir de estudos com contos de fadas (contos de magia russos). Nesse estudo, ele apresenta as formas e leis da estrutura do conto, com intuito de desvendar a especificidade do conto fantástico enquanto gênero literário.

A importância da morfologia do conto resulta na descrição de uma história, das partes que a constituem e das relações existentes destas partes entre si e com o conjunto. Nos contos

¹ Utilizamos a teoria de Propp para análise das lendas, em função de a estrutura da narrativa ser a mesma apresentada nos contos de fada, ou seja, sequência narrativa, funções e as esferas de ações das personagens. Essa afirmação já foi feita pelo professor Giancarlo na sua obra *Yautí na canoa do tempo: um estudo de fábulas do jabuti na tradição tupi* (1998), fruto de sua dissertação de mestrado.

encontramos grandezas constantes e grandezas variáveis. Na primeira, as funções das personagens não são modificadas e estão relacionadas com as ações de cada uma na obra. Já a segunda, o que é modificado em cada obra são os nomes e os atributos das personagens. Assim, o conto maravilhoso caracteriza freqüentemente ações iguais a personagens diferentes, permitindo analisá-los a partir das funções das personagens.

Por função, entende-se o método de uma personagem, definido do ponto de vista do seu valor para o desenvolvimento da ação. Para destacar as funções é necessário defini-las. Em primeiro lugar, não se deve considerar a personagem que pratica a ação. Na maioria dos casos, a definição se indica por meio de um substantivo que divulga a ação (proibição, interrogatório, fuga etc.). Em segundo lugar, deve-se notar que a ação não pode ser definida fora de seu espaço no desenrolar do relato. Deve-se analisar o sentido que possui uma dada função no desenvolvimento da história.

Segundo Propp, pode-se chamar de conto de magia todo desenvolvimento narrativo que tem com início um dano ou uma carência, passando por outras funções intermediárias e que termina com o casamento ou recompensa, ou outras ações usadas como desenlace. A este desenrolar da história, denominamos SEQUÊNCIA. “A cada novo prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova sequência” (1984, p.85).

O autor ainda adverte que o conto pode abranger diversas sequências e quando analisamos um texto devemos identificar, primeiramente, de quantas sequências a história é composta. Elas podem vir uma após a outra ou entrelaçadas, como se abrissem lugar para deixar que outra sequência se intercale.

A figura do herói e o seu percurso na narrativa, como também a ordem sequencial das funções no procedimento de composição da história, volve-se em uma espécie de esquematizar o trajeto lógico onde se revelam as funções em sequências ordenadas – início, meio e fim. Nas histórias, há também elementos animados e não animados, como um feiticeiro, um anel mágico, uma varinha de condão etc., aparecem como personagens. Determinado unicamente pelo fazer, em relação com o fazer global da história narrada.

O estudo do conto maravilhoso, proposto por Propp, procura verificar na composição narrativa quais funções surgem, se são ou não em número limitado e em que ordem acontecem. Dessa forma, busca quatro teses básicas, fundamentais para entendermos a relação principal para qualquer pesquisa que envolva os contos de magia. As quatro teses básicas são as seguintes, assim escritas na obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* (1984, p.27-28):

- a. Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto;
- b. O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado;
- c. A seqüência das funções é sempre idêntica (nem todos os contos maravilhosos apresentam todas as funções).
- d. Todos os contos de magia são monotípicos (mesmo tipo) quanto à construção.

O interesse de Propp é mostrar que o conto maravilhoso aplica ações iguais a personagens distintas. O meio pelo qual se regulariza uma função pode alterar, sendo variável. O que realmente é de valor nessa narrativa é saber o que fazem essas personagens.

O conto maravilhoso, habitualmente, começa com certa situação inicial (descrição da família, ou o do futuro herói (por exemplo, um soldado), é apresentado pela menção de seu nome ou indicação de sua situação). “[...] embora essa situação não constitua uma função, não deixa de ser um elemento morfológico importante” (PROPP, 1984, p.31).

No estudo feito pelo folclorista russo, identificam-se as seguintes funções, que podem ser efetuadas por personagens nas narrativas:

- Afastamento – pode ser de uma pessoa da geração mais velha, de alguém próximo do herói ou morte dos pais, podendo ser também, membros de geração mais nova que se afastam;
- Proibição – impõe-se ao herói uma interdição;
- Designação – ordem proposta, levar algo em algum lugar;
- Transgressão – a ordem é transgredida. Surge aqui, a figura do antagonista do herói, o agressor. Procura destruir a paz da família feliz, provocando alguma desgraça, algum prejuízo;
- Interrogatório – antagonista procura obter uma informação; Informação – antagonista recebe informação sobre sua vítima;
- Ardil – o antagonista tenta ludibriar sua vítima;
- Cumplicidade – a vítima deixa-se enganar, ajudando involuntariamente seu inimigo;
- Dano – prejuízo causado pelo antagonista a um dos membros da família;
- Carência – falta alguma coisa, deseja-se obter algo;
- Mediação – momento de conexão. É divulgada a notícia do dano ou da carência;
- Início da reação – o herói – buscador aceita a missão ou decide reagir;
- Partida – o herói deixa casa; parte em busca do vilão que fugiu;
- Primeira função do doador – o herói é submetido a uma prova;

- Reação do herói – reage diante das ações do futuro doador – o herói supera, responde presta serviço ao morto, liberta um prisioneiro; poupa alguém que suplica, efetua a partilha e reconcilia os contendores, o herói vence, etc.;
- Fornecimento – o meio mágico passa às mãos do herói – recepção do meio mágico – aliados;
- Definição – deslocamento – o herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura;
- Combate – o herói defronta-se com o antagonista;
- Marca, estigma – o herói é marcado, a marca é impressa em seu corpo recebe um anel ou uma toalha, ou outras formas de estigma;
- Vitória – o antagonista é vencido – um combate em campo aberto, numa competição, perde no jogo de cartas, é derrotado na prova da balança, é morto em combate, é expulso imediatamente;
- Reparação o dano inicial ou a carência são reparados – o objeto da busca é conseguido, mediante a astúcia, o objeto é recuperado etc.;
- Regresso – o herói regressa – a volta pode acontecer em seguida, e quase sempre da mesma forma que a partida; o regresso pode tomar, às vezes, o aspecto de uma fuga;
- Perseguição – o herói sofre perseguição – o pesquisador vai atrás do herói, reclama o culpado, transforma-se rapidamente em diferentes animais, em algo atraente e se coloca no caminho do herói, tenta devorar o herói etc.;
- Salvamento ou resgate – o herói é salvo da perseguição;
- Chegada incógnito – o herói chega incógnito à sua casa ou a outro país – o herói volta ao lar;
- Pretensões infundidas – um falso herói apresenta pretensões infundidas (um impostor tenta fazer – se passar pelo herói);
- Tarefa difícil – é proposta uma tarefa difícil ao herói;
- Realização – a tarefa é realizada;
- Reconhecimento - o herói é reconhecido – graças a uma marca ou estigma (ferida, estrela, um objeto - anel, lenço, pedra, medalha, etc.);
- Desmascaramento - o falso herói ou antagonista ou malfeitor é desmascarado;
- Transfiguração – o herói recebe uma nova aparência graças à intervenção do auxiliar mágico; constrói um palácio maravilhoso, veste-se com novas roupas;
- Castigo; punição – o inimigo é castigado – leva um tiro, é desmascarado, é amarrado em algo, suicida-se etc.

- Casamento ou recompensa – o herói casa-se e sobe ao trono – recebe ao mesmo tempo uma esposa e um reino.

No conto maravilhoso, além das trinta e uma funções, existem outras partes constituintes que, apesar de não determinarem o desenrolar da trama, são também elementos de grande importância.

Os elementos auxiliares servem de ligação entre funções, ou seja, dentro de um conto esses elementos desenvolvem todo um sistema de dados que às vezes se reveste de formas artísticas bastante vivas. São estes dados que, no desenrolar da ação, ligam uma função à outra.

Já os elementos que beneficiam a triplicação podem triplicar-se em determinados detalhes reservado de caráter atributivo (o dragão de três cabeças) bem como funções isoladas e pares de funções (perseguição - salvamento), grupos de funções ou seqüências inteiras. Muitas vezes, a ação pode se reproduzir de forma mecânica, porém outras vezes, para evitar que a ação prossiga, devem ser inseridos certos elementos que detenham o desenvolvimento e exijam a repetição.

As motivações são as razões dos personagens, que os levam a praticar esta ou aquela ação. Além disso, estabelecem um elemento menos preciso e menos determinado que as funções ou laços de união. Além desses constituintes do conto maravilhoso, há ainda sete esferas de ação ou esferas funcionais, na qual cada uma dessas constitui o fazer de determinada classe de personagens. Dessa maneira, as funções se agrupam, através de determinadas esferas, que correspondem às personagens que as realizam.

As esferas de ação estabelecidas para compor o desenvolvimento da história são as seguintes: esfera de ação do antagonista ou malfeitor – abrange o dano, o combate e outras maneiras de luta contra o herói e a perseguição; a esfera de ação do doador ou provedor – compreende a preparação da transmissão do objeto mágico ao herói; esfera de ação auxiliar – compreende o deslocamento do herói no espaço, a reparação do dano ou da carência, o salvamento durante a perseguição, a resolução das tarefas difíceis, a transfiguração do herói; esfera de ação da princesa (personagem procurado) e seu pai – compreende a proposição das tarefas difíceis, a imposição de um estigma, o desmascaramento, o reconhecimento, o castigo do segundo malfeitor e o casamento; a esfera de ação do mandante – inclui somente o envio do herói (momento de conexão); esfera de ação do herói – compreende a partida para realizar a procura, a reação perante as exigências do doador, o combate, a realização de tarefas difíceis, o casamento; esfera de ação do falso herói – compreende também a partida para

realizar a procura, a reação perante as exigências do doador, sempre negativa e, como função específica, as pretensões enganosas.

As funções das personagens estabelecidas por Propp conceituam o conto de magia como uma narrativa na qual trinta e uma funções são desempenhadas por sete classes de atores: o antagonista (ou vilão); o doador (ou provedor); o auxiliar, a vítima; o mandatário; o herói; o impostor (ou falso herói).

Dessa forma, deve-se analisar um conto, inicialmente, pela divisão das sequências para poder então desmembrar-se em suas partes constituintes. Essas últimas são de fundamental importância, as funções das personagens, acrescentado de elementos de união, de motivações, além de elementos atributivos ou acessórios que se agrupam para compor esse tipo de narrativa.

3.2 OS ELEMENTOS UNIVERSAIS: ÁGUA, FOGO, TERRA E AR

O homem criou narrativas lendárias que transcendem a existência comum e cotidiana, estas estão enraizadas em diferentes culturas. As lendas retratam um tempo e espaço magnífico, bem como a deuses e ações sobrenaturais. Essas histórias descrevem e relatam a origem do mundo, dos seres e da vida humana. Onde possui a natureza como integradora da vida, àquela que esclarece muitos aspectos misteriosos do mundo, onde os elementos: água, fogo, terra e ar estão presentes nas mais diversas situações como algo sagrado e divino. Deste modo, afirma Seabra (1996) que em “Uma manhã comum ou uma tarde qualquer e estão em cena os quatro elementos. Simplesmente presentes. Ar, água, terra e fogo, no entanto, são vividos no mito como sagrados”. (p.115). Estes possibilitam a existência do mundo e dos seres, ou seja, são a essência da vida.

O elemento ar está presente em todo o espaço, de várias formas e de diferentes cores. Possibilita transformações contínuas e mudanças significativas para o universo, tendo os deuses como centro de tudo e todos no mito de origem. Seabra (1996) relata que “É o elemento que melhor expressa a transcendência. O ar é invisível; o céu é muito alto, imenso. São atributos divinos”. (p. 116). O ar, acima de tudo, transcende a humanidade e ultrapassa a realidade humana, pois possibilita a vida. É capaz de animar, acalmar, amedrontar, é livre e define o homem, que se entrega e se expressa pelas suas criações, como as narrativas lendárias que apresentam o céu, o vento, as nuvens, as estrelas, entre outros, que são fontes desse elemento tão precioso para a existência da terra.

A água revela-se o elemento mais mítico, é sagrada, purifica, é eterno, gera a vida. Diz Seabra (1996) “A água é o elemento que existe antes de tudo [...] a água é imanência: existe. Está aí. Sempre. Precede tudo”. (p. 134). O mito cosmogônico é narrado pela mitologia egípcia como um elemento úmido primordial que deu origem a montículo de limo; nele, depois de um tempo, manifestaram-se as primeiras formas de vidas. O elemento água simboliza a virtualidade, ou seja, algo que ainda não é, mas pode vir a tornar ser. A existência provém da água e o que se distância desse elemento seca, envelhece e morre.

Contudo, nas narrativas lendárias o que retorna a água renasce e ganha força. A água nas histórias aparece em forma de rios, lagos, cachoeiras, chuvas, entre outros. É tida como luminosa, transparente, gostosa, devastadora, desafiadora e milagrosa. Trazem lembranças, como o amor à natureza ou à vida, nos recorda a beleza natural, nos lembra o sagrado e a destruição por inundações. A água é um dos elementos essenciais para a vida de toda a humanidade.

A terra, em suma, trata-se de um “[...] elemento com o qual nos relacionamos conscientemente. Aquele que nós, humanos, inserimos em nosso cotidiano e sentimos como nosso”. (SEABRA, 1996, p. 183). Neste sentido, o elemento terra apresenta algo mais concreto, sólido e consistente, que estabelece segurança e posse. O homem sente firmeza, apoio e garantia, é encontrada em todo lugar. Nas narrativas lendárias busca-se explicar sua origem, nela o morto é enterrado na terra simbolizando um lugar protegido, pode gerar e nutrir a vida. Nas histórias aparecem em forma de pedra, jardim, montanhas, cujas matérias são alicerces para os seres, junto aos deuses, como a mãe terra que visa defender a terra. O fascinante é o amor do homem pela terra que ao ser cuidada, produz e possibilita os alimentos para a sobrevivência dos seres. É uma relação de oferecer, cuidar e receber presente nas lendas. Esse elemento gera vida, mas necessita ser protegida.

O elemento fogo é o que menos observamos durante o cotidiano, no entanto, sua presença simboliza nossa principal fonte de energia. A lenda narra sua grandeza e poder, por isso é visto como sagrado desde a sua origem. O fogo é imortal e onde reside o espírito, que floresce o espírito no homem. Seabra (1996) ressalta que:

O fogo elude e desafia definições: revela-se, exhibe-se com todo brilho, mas foge incessantemente. É o elemento que mais recebe valorações opostas: é bem e é mal; atrai e aterroriza; é fonte de criação e de destruição. Essa mobilidade e ambivalência, essa tensão entre opostos, faz do fogo a imagem por excelência da transformação.

Essa ambivalência define os mistérios e poderes do elemento fogo. Nas narrativas lendárias representa proibição, transformação, renovação, retraimento, às vezes, fazendo agregação às forças mágicas, a presença de espíritos ou de demônios. Na linguagem popular, na literatura, bem como em livros de antropologia e de psicologia, o fogo é símbolo sexual. Desde o início dos tempos, já se havia a necessidade de possuir o fogo, que possibilitou grandes mudanças para o homem, seja na alimentação, no trabalho e na forma de ser.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com um estudo bibliográfico, em que trabalhamos com as versões das lendas a partir do registro existente na literatura da área. O trabalho de investigação foi com duas versões em cada elemento universal, sendo uma do Brasil e outra da Argentina, totalizando oito lendas, as quais foram identificadas numa pesquisa exploratória em livros, revistas e outras fontes que se fizeram necessárias. Tivemos como ponto de partida para a pesquisa dentro do elemento **água**, a lenda da Vitória-Régia (Brasil) e a lenda “O Uapé” (Argentina), considerando que essas histórias desses dois países latino-americanos apresentam aspectos que nos chamaram a atenção de pontos comuns que parecem tratar uma mesma temática o surgimento de uma planta, cuja flor surge do corpo da Índia (Brasil) e dos corpos do casal que morre no fundo das águas (Argentina) em forma de estrela, abordando a temática do ressurgimento. As lendas foram analisadas em torno dos seguintes pontos: elementos do plano geográfico e sociocultural, cenário da história, as personagens, a seqüência das histórias, a projeção das ações das personagens e outros que poderão ser identificados nas lendas. O estudo será feito através do método comparativo, verificando semelhanças e diferenças entre pontos citados. Segundo Lakatos (1991), o método comparativo é desenvolvido em estudo e pesquisa de diversos tipos de grupos, colaborando para uma compreensão dos pontos comuns e os não comuns que mostram as aproximações e as diversidades em cada cultura. Os passos desenvolvidos foram os seguintes:

- ✓ Seleção da bibliografia a ser utilizada;
- ✓ Identificação de duas versões das lendas para cada elemento: fogo, terra, água e ar no Brasil e na Argentina, sendo uma versão de cada país;
- ✓ Escolha das versões a serem analisadas;
- ✓ Leitura detalhada das histórias para identificação de pontos comuns e não comuns entre elas;
- ✓ Registro e sistematização dos pontos encontrados nas lendas;

- ✓ Análise comparativa das versões;
- ✓ Elaboração de quadro comparativo a partir de pontos identificados: elementos dos planos geográficos e socioculturais, cenário da história, as personagens, a sequência da história, a projeção das ações das personagens e outros que a lenda, em seu conjunto, poderá apresentar.

Com a realização da pesquisa, construímos um acervo de lendas para aqueles que desejarem conhecer e ou se aprimorar na temática dos mitos latino-americanos. A cultura de tradição oral está na memória dos povos dos vários países e, fazem parte de nossas origens, oferecendo elementos geográficos e socioculturais que revelam o comportamento dos antepassados, para entendimento de como as pessoas na atualidade manifestam sua concepção de mundo e formas culturais.

5 RESULTADOS

O presente relatório possui como resultados a seleção da bibliografia utilizada, a identificação e a escolha das versões das lendas para os seguintes elementos: fogo, terra, água e ar, no Brasil e na Argentina. O trabalho de investigação consistiu em duas versões em cada elemento universal, sendo uma do Brasil e outra da Argentina, totalizando oito lendas, analisadas. Desse modo, realizou-se a identificação, o registro e a sistematização de pontos comuns e não comuns entre as histórias encontradas, ou seja, quatro brasileiras e quatro argentinas. Vale ressaltar, que os pontos encontrados, na análise comparativa das versões e na elaboração do quadro comparativo, são os resultados das análises das versões das lendas brasileiras e argentinas.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DAS VERSÕES

A pesquisa bibliográfica do presente estudo teve início no mês de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro. Foram diversas visitas às instituições da cidade de Manaus, tais como: Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas, Biblioteca Pública Municipal João Bosco Pantoja Evangelista, Biblioteca do Museu Amazônico, entre outros. E além dessas visitas, contamos como instrumento de investigação a internet, em busca das versões das lendas argentinas. Foi um trabalho de coleta árduo, com limites e muitas dificuldades, mas conseguimos chegar a fontes bibliográficas satisfatórias.

Inicialmente, catalogamos as versões brasileiras encontradas na Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas, na qual tivemos total acesso aos livros, além de contar com resultados de pesquisas como monografias, dissertações, teses e outras fontes acerca do assunto. A segunda instituição visitada foi a Biblioteca do Museu Amazônico, onde identificamos algumas das versões das lendas amazônicas. Porém, em ambas, não encontramos nenhuma fonte a respeito das versões das lendas argentinas.

Na Biblioteca Pública Municipal “João Bosco Pantoja Evangelista” tivemos restrições no sentido de acesso às obras e, principalmente, na carência de fontes tanto sobre lendas brasileiras, como argentinas. Entre outros locais, utilizamos a internet como recurso didático que pudesse nos oferecer obras ou fontes, especialmente, das versões das lendas argentinas. Conseguimos um livro de lendas argentinas, onde contribuí bastante com a pesquisa, pois

encontramos muitas dificuldades nesta investigação. Desse modo, coletamos quatro versões das lendas brasileiras e quatro das argentinas.

Apesar da escassez de fontes escritas acerca da cultura de tradição oral Argentina nos acervos brasileiros, encontramos um número de versões suficiente para nos oferecer os dados que investigamos neste estudo. Acreditamos que as lendas perpassam lugares, regiões ou fronteiras, é uma riqueza cultural que se encontra espalhada pela oralidade, mas ainda são poucos os registros que, na maioria das vezes, não estão disponibilizados àqueles que têm a curiosidade de estudar os mistérios lendários não apenas da sua região, mas de outros lugares, de outros continentes. Assim, podendo engrandecer histórias passadas, ao presente e ao futuro da sociedade.

Os critérios utilizados para escolha das versões foram os seguintes: autor conhecido, para as versões brasileiras, buscamos optar pelas lendas amazônicas, a linguagem utilizada. Tudo isso para facilitar a análise das versões e depois para comparação das mesmas.

5.2 AS LENDAS ESTUDADAS

5.2.1 As versões das lendas do elemento água

5.2.1.1 Lenda Amazônica

“IPUNA-CAÁ - A Soberana dos Lagos”²

Na versão de Altino Berthier, foi o corpo da índia Xatopi, que surgiu como “ipuna-caá”, uma flor linda como as estrelas do céu, perfumada e diferente de todos os outros vegetais. Segundo ele, quando os brancos chegaram, todos ficaram encantados com a linda planta, que começaram a chamar de “VITÓRIA-RÉGIA”, conhecida pelo mundo inteiro por sua beleza.

Todos os anos, Jaci, a Lua, descia lá do céu e percorria o Vale, de ponta a ponta, a escolher algumas virgens para levar e transformar em estrelas de seu reino celestial. Xatopi era a mais virtuosa cunhantã da tribo dos tukanos, do alto rio Negro. Como vivesse a moça entretida em seu amor com o jovem comprometido, Jaci não quis transportá-la para o éter distante. Porém, um dia, morreu na caça o guerreiro que seria o esposo de Xatopi, e esta

² Versão de Altino Berthier Brasil (1999), do livro *Amazônia Legendária*.

passou a viver triste, infeliz e cheia de nostalgia. Seu único enlevo era contemplar o firmamento, desejando ardentemente transformar-se em estrela. Recorreu então a sentidas preces dirigidas ao astro noturno.

Procurou as maiores elevações do Vale, na esperança de melhor fazer ouvir suas súplicas. Em uma cálida noite de luar, entregou ao seu transe pungente, quando as estrelas do céu pareciam acariciar a beleza da floresta, a linda jovem, num impulso amoroso, querendo tocar a lua que se refletia majestosa no lago, desequilibrou-se e caiu nas águas misteriosas, desaparecendo para sempre. Jaci, pesarosa com o drama de uma jovem tão linda e tão virtuosa, resolveu imortalizá-la na terra, por ser impossível levá-la consigo para o reino astral.

Transformou-se em “ipuna-caá”, uma flor linda como as estrelas do céu e perfumada, como nenhum outro espécime vegetal. Depois, completando sua obra-prima, Jaci dilatou o quanto pode a superfície folhal da planta, de modo que esta pudesse sentir, em toda sua plenitude, os afagos noturnos que pretendia sempre lhe fazer. Assim, a “ipuna-caá” espalhou-se pela Planície, como rainha dos lagos encantados. Séculos mais tarde, começaram a chegar os brancos, que ficaram fascinados com a linda planta. Passaram a chamá-la de VITÓRIA-RÉGIA, proclamando a sua incomparável beleza pelo mundo inteiro.

O nome civilizado não alterou nela o encanto determinado naquela memorável noite de luar, perdida na imensidão do passado. Até hoje, nas noites de lua cheia, Jaci, a soberana da madrugada, não deixa nunca de vir cortejá-la com seu mágico beijo de luz prateada. Xatopi teve o seu desejo satisfeito. Virou estrela. Uma pálida “estrela das águas”.

Proto - História: Narra o surgimento de uma espécie vegetal, facilmente encontrada nos lagos amazônicos e cultivada como raridade botânica em todo o mundo, a planta vitória-régia.

Situação Inicial: Todos os anos, Jaci, a Lua, descia lá do céu e percorria o Vale, de ponta a ponta, a escolher algumas virgens para levar e transformar em estrelas de seu reino celestial.

A primeira sequência: Inicia quando o guerreiro que seria o esposo de Xatopi, morre na caça. E termina quando ela passa a viver triste, infeliz e cheia de nostalgia.

A segunda sequência: Inicia quando a linda jovem, num impulso amoroso, querendo tocar a lua que se refletia majestosa no lago, desequilibrou-se e caiu nas águas misteriosas,

desaparecendo para sempre e termina quando Jaci, a Lua, resolve imortalizá-la na terra, transformando-a em “ipuna-caá”.

Ações executadas pelas personagens:

- ✓ Afastamento: Morreu na caça o guerreiro que seria o esposo de Xatopi.
- ✓ Carência: Xatopi desejava ardentemente transformar-se em estrela.
- ✓ Dano: Xatopi, num impulso amoroso, querendo tocar a lua que se refletia majestosa no lago, desequilibrou-se e caiu nas águas misteriosas, desaparecendo para sempre.
- ✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Jaci, pesarosa com o drama de uma jovem tão linda e tão virtuosa, resolveu imortalizá-la na terra, por ser impossível levá-la consigo para o reino astral, transformando-a em “ipuna-caá”. Xatopi teve o seu desejo satisfeito. Virou estrela. Uma pálida “estrela das águas”.
- ✓ Recompensa: A planta Vitória Régia que surge do corpo de Xatopi passa a ser admirada por todos, devido sua beleza incomparável.
- ✓ Regresso: Xatopi retorna a terra como “ipuna-caá”, uma flor linda como as estrelas do céu e perfumada, como nenhum outro espécime vegetal. Assim, “ipuna-caá” espalhou-se pela Planície, como rainha dos lagos encantados. Séculos mais tarde, começaram a chegar os brancos, que ficaram fascinados com a linda planta. Passaram a chamá-la de VITÓRIA-RÉGIA, proclamando a sua incomparável beleza pelo mundo inteiro.

5.2.1.2 Lenda Argentina

O UAPÉ³

Pitá e Moroti amavam-se muito, e se ele era o mais esforçado dos guerreiros da tribo, ela era a mais gentil e formosa das donzelas. Porém Nhandé Iara não queria que eles fossem felizes. Por isso, encheu a cabeça da jovem de maus pensamentos e instigou a sua vaidade. Uma tarde, na hora do pôr-do-sol, quando vários guerreiros e donzelas passeavam pelas margens do rio Paraná, Moroti disse:

- Querem ver o que este guerreiro é capaz de fazer por mim? Olhem só! E, dizendo isso, tirou um de seus braceletes e atirou na água. Depois, voltando-se para Pitá, que como bom

³ Versão extraída do livro *Leyendas guaraníes*, de Ernesto Morales. Buenos Aires, El Ateneo, 1949.

guerreiro guarani era um excelente nadador, pediu-lhe que mergulhasse para buscar o bracelete. E assim foi.

Em vão esperaram que Pitá retornasse à superfície. Moroti e seus acompanhantes, alarmados, puseram-se a gritar... Mas era inútil, o guerreiro não aparecia. A desolação logo tomou conta de toda a tribo. As mulheres choravam e se lamentavam, enquanto os anciãos faziam preces para que o guerreiro voltasse. Só Moroti, muda de dor e de arrependimento, como que alheia a tudo, não chorava.

O pajé da tribo, Pegcoé, explicou então o que ocorria. Disse ele, com a certeza de quem já tivesse visto tudo: - Agora Pitá é prisioneiro de I Cunhã Pajé. No fundo das águas, Pitá foi preso pela própria feiticeira e conduzido ao seu palácio. Lá Pitá esqueceu-se de toda a sua vida anterior, esqueceu-se de Moroti e aceitou o amor da feiticeira; por isso não volta. É preciso ir buscá-lo. Encontra-se agora no mais rico dos quartos do palácio de I Cunhã Pajé. E se o palácio é todo de ouro, o quarto onde Pitá se encontra agora, nos braços da feiticeira, é todo feito de diamantes.

E dos lábios da formosa I Cunhã Pajé, que tantos belos guerreiros nos tem roubado, ele sorve esquecimento. É por isso que Pitá não volta. É preciso ir buscá-lo. - Eu vou! – exclamou Moroti. – Eu vou buscar Pitá! - Você deve ir, sim – disse Pegcoé – Só você pode resgatá-lo do amor da feiticeira. Você é a única, se de fato o ama, capaz de vencer, com esse amor humano, o amor maléfico da feiticeira. Vá, Moroti, e traga Pitá de volta! Moroti amarrou uma pedra aos seus pés e atirou-se ao rio. Durante toda a noite, a tribo esperou que os jovens aparecessem – as mulheres chorando, os guerreiros cantando e os anciãos esconjurando o mal.

Com os primeiros raios da aurora, viram flutuar sobre as águas as folhas de uma planta desconhecida: era o uapé. E viram aparecer uma flor muito linda e diferente, tão grande, bela e perfumada como jamais se vira outra na região. As pétalas do meio eram brancas e as de fora vermelhas. Brancas como o nome da donzela desaparecida: Moroti. Vermelhas como o nome do guerreiro: Pitá. A bela flor exalou um suspiro e submergiu nas águas.

Então Pegcoé explicou aos seus desolados companheiros o que ocorria: - Alegria, meu povo! Pitá foi resgatado por Moroti! Eles se amam de verdade! A maléfica feiticeira, que tantos homens já roubou para satisfazer o seu amor, foi vencida pelo amor humano de Moroti. Nessa flor que acaba de aparecer sobre as águas, eu vi Moroti nas pétalas brancas que eram abraçadas e beijadas, como num rapto de amor, pelas pétalas vermelhas. Estas representam Pitá.

E são descendentes de Pitá e Moroti estes belos uapés que enfeitam as águas dos grandes rios. No instante do amor, as belas flores brancas e vermelhas do uapé aparecem sobre as águas, beijam-se e voltam a submergir. Elas surgem para lembrar aos homens que, se para satisfazer um capricho da mulher amada um homem se sacrificou, essa mulher soube recuperá-lo, sacrificando-se também por seu amor. E se a flor do uapé é tão bela e perfumada, isso se deve ao fato de ter nascido do amor e do arrependimento.

Proto - História: Pitá e Moroti amavam-se muito, e se ele era o mais esforçado dos guerreiros da tribo, ela era a mais gentil e formosa das donzelas.

Situação Inicial: Nhandé Iara não queria que eles fossem felizes. Por isso, encheu a cabeça da jovem de maus pensamentos e instigou a sua vaidade.

A primeira sequência: Inicia quando Moroti, para mostrar aos outros, de que o seu guerreiro é capaz de fazer por ela, tira um de seus braceletes e atira na água. Termina quando Moroti voltando-se para Pitá, que como bom guerreiro guarani era um excelente nadador, pediu-lhe que mergulhasse para buscar o bracelete, onde o guerreiro não retornou.

A segunda sequência: Inicia quando Moroti, com dor e cheia de arrependimento, vai em busca de Pitá, atirando-se ao rio com uma pedra amarrada aos seus pés e termina com o aparecimento das folhas de uma planta desconhecida à flutuar sobre as águas, era o uapé.

Ações executadas pelas personagens:

- ✓ Cumplicidade: Nhandé Iara encheu a cabeça de Moroti de maus pensamentos e instigou a sua vaidade. Influenciada por Nhandé Iara, Moroti desafiou Pitá que foi em busca do bracelete perdido e não retornou.
- ✓ Afastamento: Em vão esperaram que Pitá retornasse à superfície. No fundo das águas, Pitá foi preso pela própria feiticeira e conduzido ao seu palácio.
- ✓ Início da reação: Moroti amarrou uma pedra aos seus pés e atirou-se ao rio para ir em busca de Pitá.
- ✓ Dano: Pitá, para satisfazer um capricho da mulher amada, se sacrificou e Moroti soube recuperá-lo, sacrificando-se também por seu amor.
- ✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Pitá foi resgatado por Moroti. Como prova de que o amor humano é capaz de vencer o amor maléfico ressurgiram como

uapé, uma flor que nasceu sobre as águas, tendo Moroti nas pétalas brancas que eram abraçadas e beijadas, como num raptó de amor, pelas pétalas vermelhas que representam Pitá.

✓ Recompensa: A planta que surge dos corpos de Pitá e Moroti passa a enfeitar as águas dos grandes rios.

✓ Regresso: Pitá e Moroti retornaram a terra como uapé. No instante do amor, as belas flores brancas e vermelhas do uapé aparecem sobre as águas, beijam-se e voltam a submergir.

5.2.2 As versões das lendas do elemento fogo

5.2.2.1 Lenda Amazônica

O ROUBO FOGO⁴

Antigamente Cauaiua secava a comida no sol. Não havia fogo. O chefe dos Cauaiua, Baíra, foi ao mato, fazer uma experiência. Cobriu-se e deitou-se, fingindo que estava morto. Veio a Mosca Varejeira, viu aquele morto e foi avisar o Urubu. O Urubu era o dono do fogo, e o trazia sempre consigo, debaixo das asas, dizem. O Urubu desceu do céu, então, acompanhado de outros urubus, da mulher e dos filhos. O Urubu era gente, tinha mãos. Preparou o moquém e pôs debaixo dele o fogo, mandando que os filhos vigiassem. Os filhos viram que o morto estava bulindo. Disseram ao Urubu. O Urubu não acreditou nos filhos. Dissera-lhes somente que fossem matando as varejeiras com as flechinhas que haviam trazido.

Quando o fogo, debaixo do moquém, estava bem acesso, Baíra se levantou, de repente, e o roubou, fugindo. O Urubu saiu e perseguiu-lo com sua gente. Baíra escondeu-se no oco de um pau. O Urubu e sua gente entraram no oco do pau, atrás de Baíra. Baíra saiu do outro lado, e atravessou um tabocal cerrado. O Urubu não o pôde acompanhar. Baíra chegou à margem do rio, largo, largo.

A gente dele, os Cauaiua, estava na margem de lá. E era muita gente, muita. Baíra pensou como levaria o fogo roubado do urubu. Chamou a Cobra-Surradeira corre muito, logo saiu a toda. No meio do rio, porém, a cobra morreu queimada. Baíra, com um cambito, puxou o fogo para si. E pôs noutras cobras. As cobras iam até o meio do rio, mas não resistiam ao calor do fogo: morriam. Baíra, então, pegou o Camarão e pôs-lhe o fogo nas

⁴ Versão contada por Inhambutê, escrita na obra “Moronguetá: Um Decamerom Indígena”, de Nunes Pereira (1967).

costas. O caranguejo foi até o meio do rio, mas não resistiu ao calor do fogo, morrendo queimado, todo vermelho.

Baíra puxou o fogo para si, de novo. Pegou o caranguejo e pôs-lhe o fogo nas costas. O Caranguejo foi até o meio do rio, mas morreu como o camarão ficando vermelho. Baíra puxou o fogo e pôs nas costas da Saracura. A Saracura, que anda muito, foi até o meio do rio, mas morreu queimada. Então, Baíra pegou o Cururu. O Sapo foi, aos pulos até perto dos Cauaiua, à espera noutra margem do rio. Como já ia meio morto, de cansaço, os Cauaiua o puxaram para terra com um cambito. E levaram o fogo para a maloca.

Baíra, do outro lado, pensou como deveria atravessar o rio. Mas Baíra era um grande pajé. Fez o rio estreitar-se. Deu um pulo por sobre as águas se foi à procura de sua gente. Desde aquele dia os Cauaiua tiveram fogo e puderam assar peixes e caças no moqué.

E o Cururu virou pajé.

Proto - História: Narra como apareceu o fogo aos Cauaiua.

Situação Inicial: Antigamente Cauaiua secava a comida no sol. Não havia fogo. Foi quando o chefe dos Cauaiua, Baíra, resolveu ir ao mato, fazer uma experiência.

A primeira e única sequência: Inicia quando o fogo, debaixo do moqué, estava bem aceso, e Baíra se levantou, de repente, o roubou, fugindo. Termina com o fogo sendo levado para a maloca, junto a Baíra e ao Cururu que virou Pajé.

Ações executadas pelas personagens:

- ✓ Carência: O chefe dos Cauaiua, Baíra, desejava o fogo para sua gente.
- ✓ Partida: Baíra foi ao mato fazer uma experiência. Cobriu-se e deitou-se, fingindo que estava morto.
- ✓ Perseguição: O Urubu saiu e perseguiu, com sua gente, Baíra.
- ✓ Designação: Baíra pegou o Cururu para levar o fogo. O Sapo foi, aos pulos até perto dos Cauaiua, à espera noutra margem do rio. Como já ia meio morto, de cansaço, os Cauaiua o puxaram para terra com um cambito. E levaram o fogo para a maloca.
- ✓ Regresso: Baíra, do outro lado, pensou como deveria atravessar o rio. Mas Baíra era um grande pajé. Fez o rio estreitar-se. Deu um pulo por sobre as águas se foi à procura de sua gente.

✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Desde aquele dia os Cauaiua tiveram fogo e puderam assar peixes e caças no moquém.

✓ Recompensa: O fogo chegou aos Cauaiua.

5.2.2.2 Lenda Argentina⁵

LOS CHIRIGUANOS Y EL FUEGO ⁶

Cuentan los indios chiriguano que hace mucho tiempo una gran inundación cubrió toda la tierra. Durante muchos días y muchas noches llovió torrencialmente; ciudades enteras quedaron sumergidas. Cuando el diluvio acabó, todo fue desolación; la tierra había quedado devastada. Un niño y una niña fueron los únicos sobrevivientes; juntos comenzaron a luchar por sus vidas, de manera muy rudimentaria.

No había nada que los alumbrara por las noches o les diera calor e los días fríos; y más aun, tenían que comer crudos los pocos alimentos que encontraban.

El tiempo fue pasando; lentamente la vida comenzó a renacer; brotaron las plantas y nacieron animales de todas las especies. Todo en la tierra iba recuperándose, sólo el fuego faltaba. Y se hacía cada vez más necesario.

Hasta que un día, un sapo vino en ayuda de los jóvenes.

Sucedió que Pacha Mama, madre tierra, sabiendo que el diluvio se acercaba, decidió preservar el fuego de la inundación y eligió a un gran sapo para esta misión.

El sapo guardó unos carbones encendidos en la boca, buscó un gran hoyo para protegerse y allí se quedó.

Así, al resguardo del agua, trató de mantenerlos todo el tiempo encendidos. Cuando los carbones se cubrían de cenizas y parecían apagarse, soplabá sobre ellos con todas sus fuerzas y volvían a arder.

La misión no fue fácil, pero el sapo no descuidó un solo instante la tarea que se le había encomendado.

Cuando pasó la inundación y la tierra ya estaba seca, salió saltando del hoyo con las brasas en la boca y enseguida buscó a alguien para dárselas.

⁵ Retiramos a versão da lenda “Anahí, a lenda da flor del ceibo”, correspondente ao elemento fogo e a substituímos pela versão “Os chiriguano e o fogo” (Los chiriguano y el fuego) por considerarmos mais adequada a esta pesquisa.

⁶ Versão de Paulina Martínez (2010), do livro: Leyendas Argentinas.

Saltando, saltando, indagó en uno y otro lado; y cuando ya creía que no encontraría a nadie, vio a los jóvenes. Se acercó a ellos, abrió la boca, dejó caer los carbones en el suelo y comenzó a croar para llamar la atención.

Las caras de los jóvenes se iluminaron de alegría cuando vieron los carbones encendidos. Rápido, con arbustos y ramas de quebracho, hicieron una fogata.

Esa fue una noche de fiesta porque calentaron sus cuerpos, alumbraron su choza oscura y comieron carne asada.

Así recuperaron el fuego y el sapo fue muy querido y respetado.

Pasó el tiempo; los jóvenes se casaron, y de su unión provino la tribu de los chiriguanos.

OS CHIRIGUANOS E O FOGO ⁷

Contam os índios chiriguanos que há muito tempo uma grande inundação cobriu toda a terra. Durante muitos dias e muitas noites choveu torrencialmente, cidades inteiras ficaram submersas. Quando o dilúvio acabou, tudo ficou desolado, a terra havia ficado devastada. Um menino e uma menina foram os únicos sobreviventes, juntos começaram a lutar por suas vidas, de maneira muito rudimentar.

Não havia nada que os protegesse durante à noite, nos dias quentes e nos dias frios, e ainda, tinham que comer crus os poucos alimentos que encontravam.

O tempo foi passando, lentamente a vida começou a renascer, brotaram as plantas e nasceram animais de todas as espécies. Toda a terra ia se recuperando, somente o fogo faltava. Que se fazia cada vez mais necessário.

Até que um dia, um sapo veio ajudar os jovens.

Sucedeu que Pacha Mama, mãe da terra, sabendo que o dilúvio iria acabar, decidiu preservar o fogo da inundação e confiou a um grande sapo esta missão.

O sapo guardou alguns carvões acessos na boca, procurou um buraco para se proteger e ali ficou.

Assim, protegido da água, tratou de mantê-los todo o tempo acessos. Quando os carvões se cobriam de cinzas e pareciam se apagar, soprava sobre eles com todas suas forças e voltavam a acender.

⁷ Tradução nossa da versão de Paulina Martínez (2010), do livro: *Leyendas Argentinas*.

A missão não foi fácil, porém o sapo não se descuidou um só instante da tarefa que lhe foi confiada.

Quando passou a inundação e a terra estava seca, saiu saltando do buraco com as brasas em sua boca e em seguida buscou alguém para entregá-las.

Saltando, saltando, indo de um lado para outro, sem esperança de que nada encontraria, avistou os jovens. Aproximou-se deles, abriu a boca, deixou cair os carvões no chão e começou a croar para chamar a atenção.

As caras dos jovens se iluminaram de alegria quando viram os carvões acessos. Rápido, com arbustos e galhos quebrados, fizeram uma fogueira.

Essa foi uma noite de festa porque esquentaram seus corpos, iluminaram sua cabana e comeram carne assada.

Assim recuperaram o fogo e o sapo tornou-se muito querido e respeitado.

Passou o tempo, os jovens casaram, e dessa união surgiu a tribo dos chiriguanos.

Proto - História: Contam os índios chiriguanos que há muito tempo uma grande inundação cobriu toda a terra.

Situação Inicial: Durante muitos dias e muitas noites choveu torrencialmente, cidades inteiras ficaram submersas. O dilúvio acabou, e tudo ficou desolado, a terra havia ficado devastada.

A primeira sequência: Inicia quando um menino e uma menina foram os únicos sobreviventes, juntos começaram a lutar por suas vidas, de maneira muito rudimentar. Termina quando Pacha Mama, mãe da terra, sabendo que o dilúvio iria acabar, decidiu preservar o fogo da inundação e confiou a um grande sapo esta missão.

A segunda sequência: Inicia quando o sapo encontra os jovens e deixa cair, de sua boca, os carvões acessos. Essa foi uma noite de festa porque esquentaram seus corpos, iluminaram sua cabana e comeram carne assada. Termina quando passou o tempo, os jovens casaram, e dessa união surgiu a tribo dos chiriguanos.

Ações executadas pelas personagens:

✓ Dano: Durante muitos dias e muitas noites choveu torrencialmente, cidades inteiras ficaram submersas.

- ✓ Carência: Os jovens desejavam o fogo para sua sobrevivência.
- ✓ Designação: Pacha Mama, mãe da terra, sabendo que o dilúvio iria acabar, decidiu preservar o fogo da inundação e confiou a um grande sapo esta missão.
- ✓ Realização: A missão não foi fácil, porém o sapo não se descuidou um só instante da tarefa que lhe foi confiada. Quando passou a inundação e a terra estava seca, saiu saltando do buraco com as brasas em sua boca e em seguida buscou alguém para entregá-las.
- ✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Essa foi uma noite de festa porque esquentaram seus corpos, iluminaram sua cabana e comeram carne assada. Passou o tempo, os jovens casaram, e dessa união surgiu a tribo dos chiriguanos.
- ✓ Casamento ou recompensa: O fogo chegou aos jovens sobreviventes, que se casaram e deram início à tribo dos chiriguanos.

5.2.3 As versões das lendas do elemento terra

5.2.3.1 Lenda Amazônica

LENDA DE MANI ⁸

“Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quis punir, o autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante de castigos, a moça permaneceu inflexível, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem. Passados os nove meses, deu à luz uma menina lindíssima e branca, causando este último fato a surpresa não só da tribo como das nações vizinhas que vieram visitar a criança para ver aquela nova e desconhecida raça. A criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor.

Foi enterrada dentro da própria casa, onde era descoberta diariamente, sendo também diariamente regada a sua sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo

⁸ Versão de José Vieira Couto de Magalhães (1975), do livro: O Selvagem.

brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu frutos. Os pássaros que comeram os frutos embriagaram-se e este fenômeno, desconhecido dos índios, aumentou-lhe a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se; cavaram-na e julgaram reconhecer no fruto que encontraram o corpo de Mani. Comeram-no e, assim, aprenderam a usar da mandioca”.

Proto - História: Em tempos idos residia numa tribo nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém, uma filha e um chefe selvagem.

Situação Inicial: Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém.

A primeira sequência: Inicia quando o chefe quis punir, o autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Termina no momento em que o chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem.

A segunda sequência: Quando a criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor e termina quando da sua sepultura brotou uma planta, cresceu, floresceu e deu frutos, conhecida como mandioca.

Ações executadas pelas personagens:

✓ Designação: Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém.

✓ Interrogatório: O chefe quis punir, o autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos.

✓ Mediação: O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem.

✓ Dano: A criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor.

- ✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar.
- ✓ Recompensa: A planta que nasce do corpo de Mani passa a ser alimento para a tribo.
- ✓ Regresso: O corpo de Mani voltou à terra como uma planta, que cresceu, floresceu e deu frutos, conhecida como mandioca.

5.2.3.2 Lenda Argentina

LA SOMBRA DEL OMBÚ⁹

Cuando la gente de una tribu pampeana terminó su primera siembra de maíz, festejó el acontecimiento con danzas y cantos rituales.

Desde ese día los hombres fueron los encargados de cuidar el cultivo. Pero sucedió que al poco tiempo, la tribu se vio en peligro y la toldería vibró con gritos de guerra. Así fue que todos los hombres tuvieron que alejarse, dispuestos a defender sus dominios.

Sólo quedaron los ancianos y un puñado de mujeres, encargados de las tareas cotidianas de la toldería.

El cacique, antes de partir, encomendó a su esposa, Ombi, el cuidado de la pequeña siembra.

Pasaron muchos días, la dedicación de la mujer dio sus frutos y una tarde, conmovida, descubrió los primeros tallos. Entusiasmada, removía con sus manos la tierra, arrancaba los yuyos, y acarrea agua para humedecer las plantas, sin descuidarlas en ningún momento.

Pero ocurrió que una gran sequía azotó la región. Nadie recordaba otra igual.

Los ancianos de la tribu invocaron a los dioses protectores para que enviaran un poco de lluvia, pero no aparecía ni una pequeña nube en el cielo. Sin piedad, el sol desparramó sus rayos, que terminaron por resquebrajar la tierra y hasta secó la aguada cercana a la toldería.

Después, un viento caliente terminó por desolar la región. Ombi comprobó, desesperada, cómo las plantas que habían conseguido crecer se secaban una tras otra.

La india ya casi no se alejaba del lugar, y redoblaba sus cuidados por salvarlas.

Los días pasaban lentamente bajo aquel calor sofocante. En el lugar no existían árboles donde cobijarse, sólo los toldos daban una pequeña protección. Fue entonces que los ancianos

⁹ Versão de Paulina Martínez (2010), do livro: Leyendas Argentinas.

de la tribu vieron asustados que Ombi envejecía día a día y, temerosos por su vida, le rogaron que se quedara con ellos a la sombra de los toldos. Pero la mujer se negó a obedecer, resuelta a salvar aunque fuera una planta, para poder tener simiente al otro año.

Una mañana, el calor era tan abrasador que toda la tierra parecía una enorme hoguera; fue entonces que Ombi comprobó, dolorida, que del pequeño sembradío sólo quedaba una planta.

Decidida a no perderla, llorando, se arrodilló a su lado y la cubrió con el cuerpo para protegerla del sol, mientras sus lágrimas humedecían la tierra reseca.

Y ahí se quedó para siempre.

Pasaron los días y al ver que no volvía, su gente salió a buscarla. Lo único que hallaron fue una planta de maíz que, aunque débil, se mantenía de pie, resguardada por la sombra de una hierba gigantesca que crecía muy cerca de ella.

Todos olloraron la pérdida de la india y en su recuerdo, llamaron Ombú a aquella planta.

A SOMBRA DE OMBÚ ¹⁰

Quando a gente de uma tribo pampeana terminou a sua primeira plantação de milho, festejou o acontecimento com danças e cantos rituais.

A partir desse dia os homens foram encarregados de cuidar do cultivo. Porém, sucedeu que a tribo em pouco tempo, se viu em perigo e o acampamento vibrou com gritos de guerra. E foi assim que todos os homens tinham de ir embora, dispostos a defender seus domínios.

Deixando apenas os idosos e um punhado de mulheres, responsáveis pelas tarefas diárias do acampamento.

O cacique, antes de partir, recomendou a sua esposa, Ombi, o cuidado da pequena semente.

Passaram-se muitos dias, a dedicação da mulher deu seus frutos e uma tarde, comovida, descobriu os primeiros talos. Entusiasmada, removia com suas mãos a terra, arrancava as ervas daninhas, e carregava água para molhar as plantas, sem descuidar delas em nenhum momento.

Porém, ocorreu uma grande seca que atingiu a região. Ninguém recordava outra igual.

¹⁰ Tradução nossa da versão de Paulina Martínez (2010), do livro: Leyendas Argentinas.

Os anciãos da tribo invocaram os deuses protetores para que enviasse um pouco de chuva, porém não apareceu nenhuma pequena nuvem no céu. Sem piedade, o sol esparramou seus raios, que acabou por rachar a terra e até secou o aguado perto do acampamento.

Então, um vento quente terminou por desolar a região. Ombi comprovou, desesperada, que as plantas quais havia conseguido crescer secaram uma após a outra.

A índia quase não saía do lugar, e redobrava seus cuidados para salvá-las.

Os dias passavam lentamente debaixo daquele calor sufocante. No local não havia árvores sobre sua cabeça, só deu uma pequena tenda de proteção. Foi então que os anciões da tribo assustados viram que Ombi envelhecia dia-a-dia e, temerosos pela sua vida, lhe imploraram que ficasse com eles à sombra das tendas. Mas a mulher se recusou a obedecer, determinada a salvar até mesmo uma planta, para poder ter semente por mais um ano.

Certa manhã, o calor era tão abrasador que toda a terra parecia uma enorme fogueira, foi então que Ombi comprovou, entristecida, que na pequena sombra só ficava uma planta.

Decidida não perdê-la, chorando, ajoelhou-se ao seu lado e a cobriu com o corpo para protegê-la do sol, enquanto as suas lágrimas umedeciam a terra ressecada.

E lá ela ficou para sempre.

Passaram-se os dias e ao ver que não voltava, sua gente saiu para buscá-la. A única coisa que encontraram foi uma planta de milho que, embora fraca, se mantinha de pé, protegida pela sombra de uma erva gigantesca que crescia muito em torno dela.

Todos choraram a perda da índia e em sua memória, chamaram Ombú àquela planta.

Proto - História: Quando a gente de uma tribo pampeana terminou a sua primeira plantação de milho, festejou o acontecimento com danças e cantos rituais.

Situação Inicial: Sucedeu que a tribo em pouco tempo, se viu em perigo e o acampamento vibrou com gritos de guerra. E foi assim que todos os homens tinham de ir embora, dispostos a defender seus domínios. Deixando apenas os idosos e um punhado de mulheres, responsáveis pelas tarefas diárias do acampamento.

A primeira sequência: Inicia quando o cacique, antes de partir, recomendou a sua esposa, Ombi, o cuidado da pequena semente. Passaram-se muitos dias, a dedicação da mulher deu seus frutos e uma tarde, comovida, descobriu os primeiros talos. Termina quando ocorreu uma grande seca que atingiu a região.

A segunda sequência: Inicia quando Ombi comprovou, desesperada, que as plantas quais havia conseguido crescer secaram uma após a outra. Termina quando a índia quase não saía do lugar, e redobrava seus cuidados para salvá-las.

A terceira sequência: Inicia quando Ombi comprovou, entristecida, que na pequena sombra só ficava uma planta. Decidida não perdê-la, chorando, ajoelhou-se ao seu lado e a cobriu com o corpo para protegê-la do sol, enquanto as suas lágrimas umedeciam a terra ressecada. E lá ela ficou para sempre, e termina quando todos choraram a perda da índia e em sua memória, chamaram Ombú àquela planta.

Ações executadas pelas personagens:

✓ Partida: A tribo se viu em perigo e o acampamento vibrou com gritos de guerra. E foi assim que todos os homens tinham de ir embora, dispostos a defender seus domínios.

✓ Designação: O cacique, antes de partir, recomendou a sua esposa, Ombi, o cuidado da pequena semente.

✓ Dano: Ocorreu uma grande seca que atingiu a região. Um vento quente terminou por desolar a região. Ombi comprovou, desesperada, que as plantas as quais haviam conseguido crescer secaram uma após a outra. Decidida não perdê-las, chorando, ajoelhou-se ao seu lado e a cobriu com o corpo para protegê-las do sol, enquanto as suas lágrimas umedeciam a terra ressecada. E lá ela ficou para sempre.

✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Passaram-se os dias e ao ver que Ombi não voltava, sua gente saiu para buscá-la. A única coisa que encontraram foi uma planta de milho que, embora fraca, se mantinha de pé, protegida pela sombra de uma erva gigantesca que crescia muito em torno dela.

✓ Recompensa: A erva gigantesca que surge do corpo de Ombi passa a ser sombra, para que a planta de milho sobreviva e sirva de alimento ao seu povo.

✓ Regresso: O corpo de Ombi voltou à terra como uma erva gigantesca, chamada de Ombú.

5.2.4 As versões das lendas do elemento ar

5.2.4.1 Lenda Amazônica

UIRAPURU ¹¹

Um jovem guerreiro apaixonou-se pela esposa de um grande cacique, mas como não era lícito amá-la, pediu a Tupã que o transformasse em pássaro. A divindade maior ouviu-lhe e o transformou num pássaro vermelho-telha, o Uirapuru.

À noite, o pássaro cantava para sua amada. Mas foi o cacique que notou seu canto e, de tão fascinante era, perseguiu a ave para prendê-la só para si. O Uirapuru, porém, rumou para a floresta, onde o cacique se perdeu para sempre. A ave, então, voltou à aldeia durante a noite, cantando outra vez para a bela índia. Desde então, continua cantando para sua amada, à espera de que um dia ela descubra o seu canto e seu encanto.

Proto - História: Numa tribo vivia um grande cacique com sua esposa.

Situação Inicial: Quando um jovem guerreiro apaixonou-se pela esposa de um grande cacique, mas como não podia amá-la, pediu a Tupã que o transformasse em pássaro.

A primeira sequência: Inicia quando a divindade maior, Tupã, atende o desejo e termina quando transforma o jovem guerreiro em pássaro.

A segunda sequência: Inicia quando o cacique persegue a ave na floresta, onde ele se perde para sempre e termina quando o Uirapuru volta a aldeia cantando para sua amada, à espera de que um dia ela descubra o seu canto e encanto.

Ações executadas pelas personagens:

- ✓ Proibição: Um jovem guerreiro apaixonou-se pela esposa de um grande cacique.
- ✓ Carência: O jovem guerreiro pediu a Tupã que o transformasse em pássaro.
- ✓ Perseguição: O cacique que notou seu canto e, de tão fascinante era, perseguiu a ave para prendê-la só para si. O Uirapuru, porém, rumou para a floresta, onde o cacique se perdeu para sempre.
- ✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: A divindade maior ouviu-lhe e o transformou num pássaro vermelho-telha.

¹¹ Versão de Apolonildo Britto (2007), do livro: Lendário Amazônico.

✓ Recompensa: A ave que surge do corpo do jovem guerreiro passa a cantar para sua amada.

✓ Regresso: O jovem virou uma ave, o Uirapuru. Desde então, continua cantando para sua amada, à espera de que um dia ela descubra o seu canto e seu encanto.

5.2.4.2 Lenda Argentina

LA TRISTERZA DEL URUTAÚ ¹²

Ñeambuí era hija de un aguerrido cacique guaraní que se había instalado con su gente en un lugar hermoso, muy codiciado por sus vecinos.

La joven guardaba un recuerdo triste de las continuas luchas que su padre debió enfrentar para conversar ese paraje después de la invasión de sus enemigos. Además, con El correr de los años, El cacique se había vuelto más duro e implacable.

Hacía tiempo que Cuimaé, el joven cacique de una tribu vecina, estaba enamorado de Ñeambuí. La muchacha aceptaba los regalos que le traía su pretendiente, pero después corría al monte a jugar con los pájaros y a trenzar guirnaldas de flores para adornar sus cabellos negros.

Un día, su padre le ordeno que aceptara a Cuimaé por esposo, así las dos tribus unidas podrían luchar mejor frente a cualquier invasor.

Ñeambuí obedeció el mandato de su padre y Cuimaé, feliz, comenzó los preparativos para la boda. La joven también se sintió contenta, pero no le hacía caso a su novio, que le hablaba de los peligros de la selva. Ella siguió recorriendo el monte.

Una mañana, la joven escuchó gritos, y al salir de su toldo vio a los guerreros alistándose para la lucha; una tribu vecina se preparaba para invadir-los y el cacique, ayuado por Cuimaé, iba decidido a luchar hasta las últimas consecuencias.

Una vez que partieron, Ñeambuí se refugió de nuevo en su toldo; no podía unirse a las otras mujeres de la tribu que, sentadas alrededor de una fogata, clamaban por el triunfo de sus hombres. Sufría demasiado al imaginar la lucha, pues pensar en los heridos y muertos de uno u otro bando la llenaba de tristeza.

Llegó la noche y aún los guerreros no habían vuelto. De pronto, Ñemabuí escuchó un extraño lamento. Primeiro sintió miedo, pero después, casi contra su voluntad, se asomó

¹² Versão de Paulina Martínez (2010), do livro: Leyendas Argentinas.

afuera y vio la sombra de un hombre, iluminada por la luz t nue de la luna. Le pareció que se paralizaba de terror, y ya estaba a punto de pedir auxilio, cuando la sombra se desplomó. Entonces, impulsada por una fuerza extra a, se acercó y vio a un joven indio tendido en el suelo. Por su vestimenta se dió cuenta de que era de una tribu enemiga y al inclinarse sobre él, descubrió que tenía una profunda herida en una pierna. Supuso que, confundido, no se había dado cuenta que se introducía en el campamento del enemigo.

Sacando fuerzas de flaqueza, la muchacha lo arrastr  hasta ocultarlo detrás de su toldo, que quedaba algo apartado. Después busco hierbas y unguentos que aplicó sobre la herida del joven.  l abrió un momento los ojos y al verla, la mir  extasiado. No entendia cómo esa bella muchacha lo estaba cuidando. Desconcertado, pero ya más aliviado de su dolor, quedo dormido.

Cuando  eambu  lo vio descansar tranquilo, entro rápidamente en su toldo y trato de calmarse. Tem a por la suerte del joven enemigo y conciendo el caráter de su padre, dese  que el muchacho, una vez repuesto, se alejara de allí lo antes posible.

Envuelta en sus temores, quedó ella también dormida y so o com el indio herido; sus facciones le habían parecido muy dulces.

La despertaron los gritos de los hombres que volvían de la lucha. Temblando, se asom  afuera y escuch  que su padre y Cuimaé la saludaban; se acercó tratando de no hacer caso los latidos de su corazón.

La mirada de los guerreros era dura; habían podido frenar los avances del enemigos, pero a costa de la pérdida de muchos hombres. El cacique dijo a su hija:

- Muy pronto se festejar n tus esponsales con Cuimaé; es un valiente guerrero y tendremos que partir de nuevo, pero antes quiero que sea tu esposo.

La joven se inclino ante su padre, mientras Cuimaé se adelantaba a abrazarla. En eso se escucharon gritos y algunos soldados trajeron prisionero al joven enemigo. Lo arrastraban, ya que apenas podía caminar y el cacique ordeno que lo encerraran inmediatamente.

La muchacha no pudo evitar lanzar un suave quejido; solo fue escuchado por Cuimaé que observo la palidez de su rostro y mil sospechas lo invadieron. Hacía tanto que esperaba a Ñeambuí, hacía tan poco que ella le sonreía aceptando su cariño, que no podía tolerar ningún rechazo. Fue así que preparó los festejos para la boda con un apuro febril.

 eambu , por el contrario, parecia languidecer día a día y mientras las mujeres de la tribu le probaban una t nica nupcial y a su alrededor los preparativos se sucedían, ella estaba como ausente en medio del bullicio. La mirada resignada del joven prisionero la perseguia, y a menudo paseaba como por casualidad frente al toldo donde estaba encerrado. El joven

también estaba hechizado por la dulce india, y aunque sus miradas sólo se encontraron fugazmente, expresaban todo lo que los dos sentían.

Nadie se dio cuenta de lo que sucedía; sólo joven, y su corazón apretado por un círculo de hierro parecía estallar de dolor.

La noche anterior a la boda se hizo un festejo prenupcial; después toda la toldería quedó dormida, menos Ñeambuí. Se acercó sigilosamente al toldo del prisionero... hasta su guardián dormía.

Haciendo un gran esfuerzo, pudo desatar las lianas que lo sujetaban y los dos huyeron al monte. Allí, apenas iluminados por la luna, se abrazaron; no se imaginaban que Cuimaé, enloquecido de celos, los había seguido.

Desesperado, el joven caciquesacó la flecha más afilada de su carcaj y, armando su arco, la despidió con fuerza sobrehumana. Ñeambuí y el jonve se desplomaron, mientras la selva vibro bruscamente, sacudida por una carcajada de loco.

Amor y odio habían sido demasiado fuertes para Cuimaé, pero los dioses se compadecieron de él y lo convirtieron en ave... Desde entonces, el urutau recorre los campos con sus tristes lamentos. Todas las noches llora a su bienamada y recién descansa al amanecer.

A TRISTEZA DO URUTAÚ ¹³

Ñeambuí era filha de um valente cacique guaraní que havia se instalado com sua gente em um lugar bonito, muito cobiçado por seus vizinhos.

A jovem guardava uma recordação triste das constantes lutas que seu pai teve que enfrentar para defender este lugar depois da invasão de seus inimigos. Além disso, com o passar dos anos, o cacique havia se tornado mais valente e implacável.

Fazia tempo que Cuimaé, o jovem cacique de uma tribo vizinha, estava apaixonado por Ñeambuí. A garota aceitava os presentes que seu pretendente trazia, em seguida corria até a montanha para brincar com os pássaros e trançar grinaldas de flores para enfeitar seus cabelos negros.

Um dia, seu pai lhe ordenou que aceitasse Cuimaé como esposo, assim as duas tribos unidas podiam lutar melhor contra qualquer invasor.

¹³ Tradução nossa da versão de Paulina Martínez (2010), do livro: Leyendas Argentinas.

Ñeambuí obedeceu ao pedido de seu pai e Cuimaé, feliz, começou os preparativos para o casamento. A jovem também se sentiu contente, porém não escutou seu noivo, que falava dos perigos da selva. E ela continuou indo até a montanha.

Em uma manhã, a jovem escutou gritos, e ao sair de sua tenda viu os guerreiros sendo recrutados para a luta, uma tribo vizinha se preparava para atacá-los e o cacique, ajudado por Cuimaé, estava decidido a lutar até as últimas consequências.

Quando eles partiram, Ñeambuí se refugiou novamente em sua tenda, não podia se unir com as outras mulheres da tribo que, sentadas ao redor de uma fogueira, clamavam pela vitória de seus homens. Sofria muito imaginando a luta, pois pensar nos feridos e mortos de um ou outro bando a enchia de tristeza.

Chegou a noite e alguns guerreiros não haviam voltado. De repente, Ñeambuí escutou um estranho lamento. Primeiro sentiu medo, porém depois, quase contra a sua vontade, foi até lá fora e viu a sombra de um homem, iluminada pela luz tênue da lua. Pareceu está paralisada de terror, e estava quase pedindo ajuda, quando a sombra sumiu. Então, estimulada por uma força estranha, se aproximou e viu um jovem índio caído no chão. Por sua vestimenta se deu conta de que era de uma tribo inimiga e ao chegar perto dele, descobriu que tinha uma profunda ferida em sua perna. Supondo que, confundido, não havia se dado conta que estava no acampamento do inimigo.

Com todas suas forças, a garota o arrastou até escondê-lo atrás de sua tenda, que ficou apertada. Depois buscou ervas e curativos que aplicou sobre a ferida do jovem. Ele abriu os olhos por algum momento e ao vê-la a observou espantado. Não entendia como essa bela garota o estava cuidando. Desorientado, porém mais aliviado de sua dor, adormeceu.

Quando Ñeambuí o viu descansar tranquilo, entrou rapidamente em sua tenda e tentou se acalmar. Temia pela sorte do jovem inimigo e conhecendo o caráter de seu pai, desejou que o garoto, uma vez recuperado, saísse dali o mais rápido possível.

Envolvida com seus medos, até quando dormia sonhava com o índio ferido, sua feição havia parecido muito doce.

Os gritos dos homens que voltavam da luta a despertaram. Tremendo, foi até lá fora e escutou que seu pai e Cuimaé a saudavam, ela se aproximou tentando esconder as batidas de seu coração.

O olhar dos guerreiros era de tristeza, haviam parado os avanços do inimigo, porém a custa da perda de muitos homens. O cacique disse a sua filha:

- Muito em breve festejaremos teu casamento com Cuimaé, é um valente guerreiro e teremos que partir novamente, mas antes quero que ele seja teu esposo.

A jovem se aproximou de seu pai, enquanto isso Cuimaé se adiantou e a abraçou. Neste momento, escutaram gritos de alguns soldados trazendo como prisioneiro o jovem inimigo. Arrastado, já que não podia caminhar, o cacique ordenou que o prendessem imediatamente.

A garota não pôde evitar uma suave lamentação, que Cuimaé escutou e observou a palidez de seu rosto e mil desconfianças o invadiram. Fazia muito tempo que esperava a Ñeambuí, fazia tão pouco que ela tinha aceitado seu carinho, que não podia tolerar ninguém entre eles. Foi por isso que preparou os festejos para o casamento com muita rapidez.

Ñeambuí, pelo contrário, parecia lamentar dia-a-dia e enquanto isso as mulheres da tribo lhe preparavam uma túnica nupcial e ao seu redor os preparativos se sucediam, ela estava parecendo ausente em meio a confusão. O olhar triste do jovem prisioneiro a perseguia, e, muitas vezes, passava casualmente em frente a tenda que estava preso.

O jovem também estava enfeitiçado pela doce índia, e quando seus olhares se encontraram mesmo que brevemente, expressaram todo o amor que os dois sentiam.

Nadie percebeu o que estava acontecendo, apenas Cuimaé não perdia um gesto, um olhar da jovem, e seu coração parecia explodir de dor como se estivesse sendo apertado por círculo de ferro.

A noite anterior ao casamento se iniciou com um festejo pré-nupcial, depois todo o acampamento foi dormir, menos Ñeambuí. Foi sigilosamente a tenda do prisioneiro... E viu que o guarda estava dormindo.

Fazendo um grande esforço, conseguiu desamarrar as cordas que o prendiam e os dois fugiram para a montanha. Ali, apenas iluminados pela lua, se abraçaram, só não imaginavam que Cuimaé, enlouquecido de ciúmes, os haviam seguidos.

Desesperado, o jovem cacique sacou a flecha mais afiada que tinha, armou seu arco, e lançou a flecha com força sobrehumana. Ñeambuí e o jovem foram atingidos, nesse momento a selva vibrou bruscamente, balançando por um riso de louco.

Amor e ódio se tornaram muito fortes para Cuimaé, porém os deuses se compadeceram dele e o transformaram em uma ave... Desde então, o urutaú percorre os campos com suas tristes lamentações. Todas as noites ele chora por sua amada e só descansa ao amanhecer.

Proto - História: Ñeambuí era filha de um valente cacique guarani que havia se instalado com sua gente em um lugar bonito, muito cobiçado por seus vizinhos. Fazia tempo que Cuimaé, o jovem cacique de uma tribo vizinha, estava apaixonado por Ñeambuí.

Situação inicial: Um dia, seu pai lhe ordenou que aceitasse Cuimaé como esposo, assim as duas tribos unidas podiam lutar melhor contra qualquer invasor. Ñeambuí obedeceu ao pedido de seu pai e Cuimaé, feliz, começou os preparativos para o casamento. Quando em uma manhã, a jovem escutou gritos, e ao sair de sua tenda viu os guerreiros sendo recrutados para a luta, uma tribo vizinha se preparava para atacá-los e o cacique, ajudado por Cuimaé, estava decidido a lutar até as últimas consequências.

A primeira sequência: Inicia quando de repente, Ñeambuí escutou um estranho lamento, se aproximou e viu um jovem índio caído no chão. Por sua vestimenta, se deu conta de que era de uma tribo inimiga e ao chegar perto dele, descobriu que tinha uma profunda ferida em sua perna. Termina quando a jovem com todas suas forças o arrastou até escondê-lo atrás de sua tenda, que ficou apertada.

A segunda sequência: Escutaram gritos de alguns soldados trazendo como prisioneiro o jovem inimigo. O cacique ordenou que o prendessem imediatamente. A garota lamentou, Cuimaé escutou e observou a palidez de seu rosto e mil desconfianças o invadiram. Termina quando Ñeambuí foi sigilosamente à tenda do prisioneiro, conseguiu desamarrar as cordas que o prendiam e os dois fugiram para a montanha.

A terceira sequência: Inicia quando Cuimaé enlouquecido de ciúmes segue e atinge os jovens com sua flecha. Termina quando os deuses se compadeceram de Cuimaé e o transformaram em uma ave.

Ações executadas pelas personagens:

- ✓ Designação: O pai de Ñeambuí lhe ordenou que aceitasse Cuimaé como esposo, assim as duas tribos unidas podiam lutar melhor contra qualquer invasor.
- ✓ Proibição: Ñeambuí se apaixona pelo jovem índio inimigo.
- ✓ Salvamento: Ñeambuí, fazendo um grande esforço, conseguiu desamarrar as cordas que prendiam o jovem índio inimigo e os dois fugiram para a montanha.
- ✓ Perseguição: Cuimaé, enlouquecido de ciúmes, seguiu Ñeambuí e o jovem índio inimigo.
- ✓ Dano: Ñeambuí e o jovem índio inimigo fugiram para a montanha. Desesperado, Cuimaé sacou a flecha mais afiada que tinha, armou seu arco, e lançou a flecha com força

sobrehumana. Ñeambuí e o jovem foram atingidos, nesse momento a selva vibrou bruscamente, balançando por um riso de louco.

✓ Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Amor e ódio se tornaram muito fortes para Cuimaé, porém os deuses se compadeceram dele e o transformaram em uma ave.

✓ Recompensa: A ave que surge do corpo de Cuimaé passa a cantar suas tristes lamentações.

✓ Regresso: O jovem virou uma ave, o Urutaú. Todas as noites ele chora por sua amada e só descansa ao amanhecer.

5.3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS VERSÕES

5.3.1 As versões das lendas do elemento água

Quanto ao cenário, a versão de Altino Berthier, intitulada “IPUNA-CAÁ - A Soberana dos Lagos”, e de Ernesto Morales, “O Uapé”, se assemelham, pois giram em torno da natureza. Porém se divergem na localização geográfica, já que a versão de Altino Berthier está situada no Alto Rio Negro, norte do Amazonas, e na versão de Ernesto Morales está situada no Rio Paraná, nordeste da Argentina.

As versões de Altino Berthier e Ernesto Morales se assemelham também, quanto às personagens, pois em ambas, as protagonistas são jovens indígenas virtuosas, gentis e formosas, que buscam reencontrar o amor perdido. Entretanto, se divergem na quantidade das personagens, uma vez que na versão de Ernesto Morales há presença de personagem secundário.

Quanto à situação inicial, as versões de Altino Berthier e Ernesto Morales descrevem a carência das personagens Jaci, a Lua, em “IPUNA-CAÁ - A Soberana dos Lagos” descia lá do céu e percorria o Vale, de ponta a ponta, a escolher algumas virgens para levar e transformar em estrelas de seu reino celestial. E, a antagonista Nhandé Iara, em “O Uapé” não queria que Moroti e Pitá fossem felizes.

No que diz respeito às sequências das histórias, as versões de Altino Berthier e Ernesto Morales se assemelham quanto ao número de sequências, pois possuem duas cada uma. Segundo Propp (1984, p.85): “[...] a cada novo dano, a cada nova carência existe uma nova sequência”. Na versão de Altino Berthier, a primeira sequência acontece quando o guerreiro que seria o esposo de Xatopi, morre na caça. Termina quando ela passa a viver triste, infeliz e

cheia de nostalgia. Enquanto a segunda sequência inicia quando a linda jovem, num impulso amoroso, querendo tocar a lua que se refletia majestosa no lago, desequilibrou-se e caiu nas águas misteriosas, desaparecendo para sempre, e termina quando Jaci, a Lua, resolve imortalizá-la na terra, transformando-a em “ipuna-caá”.

Na versão de Ernesto Morales, a primeira sequência começa quando Moroti, para mostrar aos outros, de que o seu guerreiro é capaz de fazer por ela, tira um de seus braceletes e atira na água. Termina quando Moroti voltando-se para Pitá, que como bom guerreiro guarani era um excelente nadador, pediu-lhe que mergulhasse para buscar o bracelete, onde o guerreiro não retornou. Já a segunda sequência inicia quando Moroti, com dor e cheia de arrependimento, vai em busca de Pitá, atirando-se ao rio com uma pedra amarrada aos seus pés e termina com o aparecimento das folhas de uma planta desconhecida à flutuar sobre as águas, era o uapé.

As ações das personagens se assemelham, quanto a reparação ao dano inicial ou a carência é reparada, a recompensa, bem como ao regresso. Na versão de Altino Berthier, Jaci, a Lua, pesarosa com o drama de uma jovem tão linda e tão virtuosa, resolveu imortalizá-la na terra, transformando-a em “ipuna-caá”. Assim, Xatopi teve o seu desejo satisfeito, virou estrela, uma pálida “estrela das águas”. Depois passaram a chamá-la de VITÓRIA-RÉGIA, proclamando a sua incomparável beleza pelo mundo inteiro. Na versão de Ernesto Morales, Pitá foi resgatado por Moroti. Como prova de que o amor humano é capaz de vencer o “amor maléfico” ressurgiram como uapé, uma flor que nasceu sobre as águas, tendo Moroti nas pétalas brancas que eram abraçadas e beijadas, como num rapto de amor, pelas pétalas vermelhas que representam Pitá.

5.3.2 As versões das lendas do elemento fogo

Quanto ao cenário, a versão de Nunes Pereira, intitulada “O roubo fogo”, e de Paulina Martínez, “Os Chiriguano e o fogo”, se assemelham, pois giram em torno da natureza. Porém a localização geográfica na versão de Nunes Pereira está situada em um rio da região amazônica brasileira, e na versão de Paulina Martínez está situada em uma cidade argentina, as duas versões não especificam o local.

As versões de Nunes Pereira e Paulina Martínez se assemelham também, quanto às personagens. Pois em ambas, possuem o sapo como personagem que ajuda a resgatar o fogo,

que ao final torna-se muito querido e respeitado. Entretanto, se divergem na quantidade das personagens, uma vez que na versão de Nunes Pereira há presença de personagem secundário. Quanto à situação inicial, as versões de Nunes Pereira e Paulina Martínez descrevem o motivo da carência das personagens. Na versão “O roubo fogo” os Cauaiua secava a comida no sol. E em “Os Chiriguanos e o fogo”, durante muitos dias e muitas noites choveu torrencialmente, cidades inteiras ficaram submersas. O dilúvio acabou, e tudo ficou desolado, a terra havia ficado devastada.

No que diz respeito às sequências das histórias, as versões de Nunes Pereira e Paulina Martínez se divergem quanto ao número de sequências, pois há uma sequência, em “O roubo fogo” e duas sequências, em “O roubo fogo”. Na versão de Nunes Pereira, a primeira e única sequência acontece quando o fogo, debaixo do moquém, estava bem aceso, e Baíra se levantou, de repente, o roubou, fugindo. Termina com o fogo sendo levado para a maloca, junto a Baíra e ao Cururu que virou Pajé.

Porém, na versão de Paulina Martínez a primeira sequência começa quando Inicia quando um menino e uma menina foram os únicos sobreviventes, juntos começaram a lutar por suas vidas, de maneira muito rudimentar. Termina quando Pacha Mama, mãe da terra, sabendo que o dilúvio iria acabar, decidiu preservar o fogo da inundação e confiou a um grande sapo esta missão. Enquanto a segunda sequência inicia quando o sapo encontra os jovens e deixa cair, de sua boca, os carvões acesos. Essa foi uma noite de festa porque esquentaram seus corpos, iluminaram sua cabana e comeram carne assada. Termina quando passou o tempo, os jovens casaram, e dessa união surgiu a tribo dos chiriguanos.

As ações das personagens se assemelham, quanto à carência, designação, reparação ao dano ou a carência é reparada, bem como a recompensa. Nas versões de Nunes Pereira e Paulina Martínez a carência apresentada revela o desejo e a necessidade de possuir o fogo. Em ambas, a designação se constitui em uma missão, ajudar no resgate do fogo. Quanto à reparação ao dano ou a carência é reparada, a chegada do fogo foi motivo de festa e alegria para todos. A recompensa na versão de Nunes Pereira se deu quando o fogo surgiu aos Cauaiua, e na versão de Paulina Martínez quando o fogo chegou aos jovens sobreviventes, que se casaram e deram início à tribo dos chiriguanos.

5.3.3 As versões das lendas do elemento terra

Quanto ao cenário, a versão de José Vieira, intitulada “Lenda de Mani”, e de Paulina Martínez, “A Sombra de Ombú”, se assemelham, pois giram em torno da natureza. Porém, se

divergem na localização geográfica, já que a versão de José Vieira está situada no lugar em que está hoje a cidade de Santarém, e na versão de Paulina Martínez está situada em uma região antiga da Argentina, a qual não especifica.

As versões de José Vieira e Paulina Martínez se assemelham também, quanto às personagens, pois em ambas, as protagonistas são jovens indígenas, que buscam defender vidas. Entretanto, na “Lenda de Mani”, a jovem visa proteger a sua filha de seu pai, pois sua gravidez foi misteriosa. Já na lenda “A sombra de Ombú”, a índia Ombi tende proteger uma planta para que todos da sua tribo possam ter o que comer.

Quanto à situação inicial, a versão de José Vieira descreve a designação, onde em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem. Já na versão de Paulina Martínez, encontra-se na situação inicial a partida, onde sucedeu que a tribo em pouco tempo, se viu em perigo e o acampamento vibrou com gritos de guerra. E foi assim que todos os homens tinham de ir embora, dispostos a defender seus domínios, deixando apenas os idosos e um punhado de mulheres, responsáveis pelas tarefas diárias do acampamento.

No que diz respeito às sequências das histórias, as versões de José Vieira e Paulina Martínez se divergem quanto ao número de sequências, pois há duas sequências em “Lenda de Mani”, e três sequências em “A sombra de Ombú”. Na versão de José Vieira a primeira sequência acontece quando o chefe quis punir, o autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Termina no momento em que o chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela, efetivamente, era inocente e não tinha tido relação com homem. Enquanto a segunda sequência inicia quando a criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor e termina quando da sua sepultura brotou uma planta, cresceu, floresceu e deu frutos, conhecida como mandioca.

Na versão de Paulina Martínez, a primeira sequência começa quando o cacique, antes de partir, recomendou a sua esposa, Ombi, o cuidado da pequena semente. Passaram-se muitos dias, a dedicação da mulher deu seus frutos e uma tarde, comovida, descobriu os primeiros talos. Termina quando ocorreu uma grande seca que atingiu a região. Já a segunda sequência inicia quando Ombi comprovou, desesperada, que as plantas as quais haviam conseguido crescer secaram uma após a outra. Termina quando a índia quase não saía do lugar e, redobrava seus cuidados para salvá-las. Enquanto a terceira sequência inicia quando Ombi comprovou, entristecida, que na pequena sombra só ficava uma planta. Decidida não

perdê-la, chorando, ajoelhou-se ao seu lado e a cobriu com o corpo para protegê-la do sol, enquanto as suas lágrimas umedeciam a terra ressecada. Lá ela ficou para sempre. Essa sequência termina quando todos choraram a perda da índia e em sua memória, chamaram Ombú àquela planta.

As ações das personagens se assemelham quanto ao dano, reparação ao dano inicial ou a carência é reparada, a recompensa, bem como ao regresso. Na versão de José Vieira, apresenta como dano a criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morta ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor. Quanto à reparação ao dano inicial ou a carência é reparada acontece quando em algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. A recompensa ocorreu quando a planta que nasceu do corpo de Mani passa a ser alimento para a tribo. E o regresso se deu quando o corpo de Mani voltou à terra como uma planta, que cresceu, floresceu e deu frutos, conhecida como mandioca.

Na versão de Paulina Martínez, o dano ocorreu quando Ombi decidida a salvar uma planta da grande seca, que atingiu a região, acaba se sacrificando para que a mesma sobreviva. E lá ela ficou para sempre. A reparação ao dano inicial ou a carência é reparada apresenta-se quando os dias se passam e ao ver que Ombi não voltava, sua gente saiu para buscá-la. A única coisa que encontraram foi uma planta de milho que, embora fraca, se mantinha de pé, protegida pela sombra de uma erva gigantesca que crescia muito em torno dela. A recompensa ocorreu quando uma erva gigantesca que surge do corpo de Ombi passa a ser sombra, para que a planta de milho sobreviva e sirva de alimento ao seu povo. Quanto ao regresso se deu quando o corpo de Ombi voltou à terra como uma erva gigantesca, chamada de Ombú.

5.3.4 As versões das lendas do elemento ar

Quanto ao cenário, a versão de Apolonildo Britto, intitulada “Uirapuru”, e de Paulina Martínez, “A tristeza do urutaú”, se assemelham, pois giram em torno da natureza. Porém, se divergem na localização geográfica, já que a versão de Apolonildo Britto está localizada na região amazônica brasileira e a versão de Paulina Martínez aborda os índios guaranis, situados no nordeste da Argentina.

As versões de Apolonildo Britto e Paulina Martínez se assemelham também, quanto às personagens, pois em ambas, possuem como personagens jovens guerreiros que buscam o

amor de sua amada. Entretanto, se divergem na quantidade das personagens, uma vez que na versão de Paulina Martínez há presença de personagem secundário.

Quanto à situação inicial, as versões de Apolonildo Britto e Paulina Martínez descrevem o motivo da carência das personagens. Na versão do “Uirapuru”, um jovem guerreiro apaixona-se pela esposa de um grande cacique, mas como não podia amá-la, pediu a Tupã que o transformasse em pássaro. Na lenda “A tristeza do urutaú”, Cuimaé, o jovem cacique de uma tribo vizinha, estava apaixonado por Ñeambuí. O pai de Ñeambuí ordenou que ela aceitasse Cuimaé como esposo, assim as duas tribos unidas podiam lutar melhor contra qualquer invasor. Ñeambuí obedeceu ao pedido de seu pai e Cuimaé, feliz, começou os preparativos para o casamento. Quando em uma manhã, a jovem escutou gritos, e ao sair de sua tenda viu os guerreiros sendo recrutados para a luta, uma tribo vizinha se preparava para atacá-los e o cacique, ajudado por Cuimaé, estava decidido a lutar até as últimas consequências.

No que diz respeito às sequências das histórias, as versões de Apolonildo Britto e Paulina Martínez se divergem quanto ao número de sequências, pois há duas sequências, em “Uirapuru” e três sequências, em “A tristeza do urutaú”. Na versão de Apolonildo Britto, a primeira sequência acontece quando a divindade maior, Tupã, atende o desejo e transforma o jovem guerreiro em pássaro. Enquanto, a segunda sequência inicia quando o cacique persegue a ave na floresta, onde ele se perde para sempre e termina quando o Uirapuru volta a aldeia catando para sua amada, à espera de que um dia ela descubra o seu canto e encanto.

Porém, na versão de Paulina Martínez a primeira sequência começa quando de repente, Ñeambuí escutou um estranho lamento, se aproximou e viu um jovem índio caído no chão. Por sua vestimenta, se deu conta de que era de uma tribo inimiga e ao chegar perto dele, descobriu que tinha uma profunda ferida em sua perna. Termina quando a jovem com todas suas forças o arrastou até escondê-lo atrás de sua tenda, que ficou apertada. Já a segunda sequência inicia quando escutaram gritos de alguns soldados trazendo como prisioneiro o jovem inimigo. O cacique ordenou que o prendessem imediatamente. A garota lamentou, Cuimaé escutou e observou a palidez de seu rosto e mil desconfianças o invadiram. Termina quando Ñeambuí foi sigilosamente à tenda do prisioneiro, conseguiu desamarrar as cordas que o prendiam e os dois fugiram para a montanha.

A terceira sequência começa no momento em que Cuimaé enlouquecido de ciúmes segue e atinge os jovens com sua flecha. Termina quando os deuses se compadeceram de Cuimaé e o transformaram em uma ave.

As ações das personagens se assemelham, quanto à proibição, perseguição, reparação ao dano inicial ou a carência é reparada, recompensa, bem como ao regresso. Nas versões de Apolonildo Britto e Paulina Martínez, a proibição apresentada revela o amor impedido. Em ambas, a perseguição se constitui em uma busca desorientada, de caráter possessivo, pois na lenda “Uirapuru”, o cacique que notou o canto da ave e, de tão fascinante era, perseguiu para prendê-la só para si. Na versão “A tristeza do urutaú”, Cuimaé, enlouquecido de ciúmes, seguiu Ñeambuí e o jovem índio inimigo. Quanto à reparação ao dano inicial ou a carência é reparada, os deuses se compadeceram do jovem índio e de Cuimaé e, os transformaram em uma ave.

A recompensa na versão de Apolonildo Britto ocorreu quando a ave que surgiu do corpo do jovem guerreiro passa a cantar para sua amada. O regresso se deu quando o jovem índio virou uma ave, o Uirapuru. Desde então, continua catando para sua amada, à espera de que um dia ela descubra o seu canto e seu encanto. Já na versão de Paulina Martínez a recompensa ocorreu quando a ave que surgiu do corpo de Cuimaé passa a cantar suas tristes lamentações. E o regresso quando Cuimaé virou uma ave, o Urutaú. Todas as noites ele chora por sua amada e só descansa ao amanhecer.

5.4 QUADRO COMPARATIVO DAS VERSÕES

Elemento Água		
Versão	IPUNA-CAÁ - A Soberana dos Lagos (versão brasileira)	O UAPÉ (versão argentina)
Autor(a)	BRASIL, Altino Berthier. Amazônia legendária . Porto Alegre: Possenato Arte & Cultura, 1999.	MORALES, Ernesto. Leyendas guaraníes . Buenos Aires: El Ateneo, 1949.
Cenário	Gira em torno da natureza. A localização geográfica está situada no Alto Rio Negro, norte do Amazonas.	Gira em torno da natureza. A localização geográfica está situada no Rio Paraná, nordeste da Argentina.

Personagens	Xatopi, protagonista da história, era a mais virtuosa cunhantã da tribo dos tukanos.	Moroti, protagonista da história, era a mais gentil e formosa das donzelas. Nesta versão, também há presença de personagens secundários, mulheres chorando, guerreiros cantando e anciãos esconjurando o mal.
Proto - História	Narra o surgimento de uma espécie vegetal, facilmente encontrada nos lagos amazônicos e cultivada como raridade botânica em todo o mundo, a planta vitória-régia.	Pitá e Moroti amavam-se muito, e se ele era o mais esforçado dos guerreiros da tribo, ela era a mais gentil e formosa das donzelas.
Situação Inicial	Todos os anos, Jaci, a Lua, descia lá do céu e percorria o Vale, de ponta a ponta, a escolher algumas virgens para levar e transformar em estrelas de seu reino celestial.	Nhandé Iara não queria que eles fossem felizes. Por isso, encheu a cabeça da jovem de maus pensamentos e instigou a sua vaidade.
Sequências	<p>A primeira sequência: Inicia quando o guerreiro que seria o esposo de Xatopi, morre na caça. Termina quando ela passa a viver triste, infeliz e cheia de nostalgia.</p> <p>A segunda sequência: Inicia quando a linda jovem, num impulso amoroso, querendo tocar a lua que se refletia majetosa no lago, desequilibrou-se e caiu nas águas misteriosas, desaparecendo para sempre e termina quando Jaci, a Lua, resolve imortalizá-la na terra, transformando-a em “ipuna-caá”.</p>	<p>A primeira sequência: Inicia quando Moroti, para mostrar aos outros, de que o seu guerreiro é capaz de fazer por ela, tira um de seus braceletes e atira na água. Termina quando Moroti voltando-se para Pitá, que como bom guerreiro guarani era um excelente nadador, pediu-lhe que mergulhasse para buscar o bracelete, onde o guerreiro não retornou.</p> <p>A segunda sequência: Inicia quando Moroti, com dor e cheia de arrependimento, vai em busca de Pitá, atirando-se ao rio com uma pedra amarrada aos seus pés e termina com o aparecimento das folhas de uma planta desconhecida à flutuar sobre as águas, era o uapé.</p>
Ações executadas pelas personagens	<p>Afastamento: Morreu na caça o guerreiro que seria o esposo de Xatopi.</p> <p>Carência: Xatopi desejava ardentemente transformar-se em estrela.</p> <p>Dano: Xatopi, num impulso amoroso, querendo tocar a lua que se</p>	<p>Cumplicidade: Nhandé Iara encheu a cabeça de Moroti de maus pensamentos e instigou a sua vaidade. Influenciada por Nhandé Iara, Moroti pediu que Pitá mergulhasse para buscar o seu bracelete, mas o guerreiro não retornou.</p> <p>Afastamento: Em vão esperaram</p>

	<p>refletia majestosa no lago, desequilibrou-se e caiu nas águas misteriosas, desaparecendo para sempre.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Jaci, pesarosa com o drama de uma jovem tão linda e tão virtuosa, resolveu imortalizá-la na terra, por ser impossível levá-la consigo para o reino astral, transformando-a em “ipuna-caá”. Xatopi teve o seu desejo satisfeito. Virou estrela. Uma pálida “estrela das águas”.</p> <p>Retorno: Xatopi retorna a terra como “ipuna-caá”, uma flor linda como as estrelas do céu e perfumada, como nenhum outro espécime vegetal. Assim, “ipuna-caá” espalhou-se pela Planície, como rainha dos lagos encantados. Séculos mais tarde, começaram a chegar os brancos, que ficaram fascinados com a linda planta. Passaram a chamá-la de VITÓRIA-RÉGIA, proclamando a sua incomparável beleza pelo mundo inteiro.</p>	<p>que Pitá retornasse à superfície. No fundo das águas, Pitá foi preso pela própria feiticeira e conduzido ao seu palácio.</p> <p>Início da reação: Moroti amarrou uma pedra aos seus pés e atirou-se ao rio para ir em busca de Pitá.</p> <p>Dano: Pitá, para satisfazer um capricho da mulher amada, se sacrificou e Moroti soube recuperá-lo, sacrificando-se também por seu amor.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Pitá foi resgatado por Moroti. Como prova de que o amor humano é capaz de vencer o amor maléfico ressurgiram como uapé, uma flor que nasceu sobre as águas, tendo Moroti nas pétalas brancas que eram abraçadas e beijadas, como num rapto de amor, pelas pétalas vermelhas que representam Pitá.</p> <p>Retorno: Pitá e Moroti retornaram a terra como uapé, que enfeitam as águas dos grandes rios. No instante do amor, as belas flores brancas e vermelhas do uapé aparecem sobre as águas, beijam-se e voltam a submergir.</p>
Elemento Fogo		
Versão	O ROUBO FOGO (versão brasileira)	OS CHIRIGUANOS E O FOGO (versão argentina)
Autor(a)	PEREIRA, Nunes. Moronguéta: Um Decameron Indígena . Editora Civilização Brasileira S. ^a Rio de Janeiro: 1967. Vol I e II.	MARTÍNEZ, Paulina. Leyendas Argentinas . Buenos Aires: Sigmar, 2010.
Cenário	Gira em torno da natureza. Quanto a localização geográfica está situada em um rio da região amazônica brasileira, não especifica.	Gira em torno da natureza. Quanto a localização geográfica está situada em uma cidade argentina, não especifica.

Personagens	O chefe dos Cauaiua, Baíra, que almejava o fogo. Outra personagem importante encontrada na versão é Cururu, o sapo, que ajuda a resgatar o fogo, e ao final vira pajé. Além disso, há presença de personagens secundários, os homens Cauaiua.	Dois jovens sobreviventes, um menino e uma menina. Outra personagem marcante é o sapo que salva o fogo da inundação, e ao final torna-se muito querido e respeitado.
Proto-História	Narra como apareceu o fogo aos cauaiua.	Contam os índios chiriguanos que há muito tempo uma grande inundação cobriu toda a terra.
Situação Inicial	Antigamente Cauaiua secava a comida no sol. Não havia fogo. Foi quando o chefe dos Cauaiua, Baíra, resolveu ir ao mato, fazer uma experiência.	Durante muitos dias e muitas noites choveu torrencialmente, cidades inteiras ficaram submersas. O dilúvio acabou, e tudo ficou desolado, a terra havia ficado devastada.
Sequências	A primeira e única sequência: Inicia quando o fogo, debaixo do moqué, estava bem aceso, e Baíra se levantou, de repente, o roubou, fugindo. Termina com o fogo sendo levado para a maloca, junto a Baíra e ao Cururu que virou Pajé.	A primeira sequência: Um menino e uma menina foram os únicos sobreviventes, juntos começaram a lutar por suas vidas, de maneira muito rudimentar. Termina quando Pacha Mama, mãe da terra, sabendo que o dilúvio iria acabar, decidiu preservar o fogo da inundação e confiou a um grande sapo esta missão. A segunda sequência: Inicia quando o sapo encontra os jovens e deixa cair, de sua boca, os carvões acesos. Essa foi uma noite de festa porque esquentaram seus corpos, iluminaram sua cabana e comeram carne assada. Termina quando passou o tempo, os jovens casaram, e dessa união surgiu a tribo dos chiriguanos.

<p>Ações executadas pelas personagens</p>	<p>Carência: O chefe dos cauaiua, Baíra, desejava o fogo para sua gente.</p> <p>Partida: Baíra, foi ao mato, fazer uma experiência. Cobriu-se e deitou-se, fingindo que estava morto.</p> <p>Perseguição: O Urubu saiu e perseguiu, com sua gente, Baíra.</p> <p>Designação: Baíra pegou o Cururu para levar o fogo. O Sapo foi, aos pulos até perto dos Cauaiua, à espera noutra margem do rio. Como já ia meio morto, de cansaço, os Cauaiua o puxaram para terra com um cambito. E levaram o fogo para a maloca.</p> <p>Retorno: Baíra, do outro lado, pensou como deveria atravessar o rio. Mas Baíra era um grande pajé. Fez o rio estreitar-se. Deu um pulo por sobre as águas se foi à procura de sua gente.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Desde aquele dia os Cauaiua tiveram fogo e puderam assar peixes e caças no moquéim.</p> <p>Recompensa: O fogo chegou aos Cauaiua.</p>	<p>Dano: Durante muitos dias e muitas noites choveu torrencialmente, cidades inteiras ficaram submersas.</p> <p>Carência: Os jovens desejavam o fogo para sua sobrevivência.</p> <p>Designação: Pacha Mama, mãe da terra, sabendo que o dilúvio iria acabar, decidiu preservar o fogo da inundação e confiou a um grande sapo está missão.</p> <p>Realização: A missão não foi fácil, porém o sapo não se descuidou um só instante da tarefa que lhe foi confiada. Quando passou a inundação e a terra estava seca, saiu saltando do buraco com as brasas em sua boca e em seguida buscou alguém para entregá-las.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Essa foi uma noite de festa porque esquentaram seus corpos, iluminaram sua cabana e comeram carne assada. Passou o tempo, os jovens casaram, e dessa união surgiu a tribo dos chiriguanos.</p> <p>Casamento ou recompensa: O fogo chegou aos jovens sobreviventes, que se casaram e deram início à tribo dos chiriguanos.</p>
Elemento Terra		
Versão	LENDA DE MANI (versão brasileira)	A SOMBRA DE OMBÚ (versão argentina)
Autor(a)	MAGALHÃES, José Vieira Couto de. O selvagem . São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.	MARTÍNEZ, Paulina. Leyendas Argentinas . Buenos Aires: Sigmar, 2010.
Cenário	Gira em torno da natureza. Quanto à localização geográfica está situada no lugar em que está hoje a cidade de Santarém.	Gira em torno da natureza. Quanto à localização geográfica está situada em uma região antiga da argentina, a qual não especifica.

Personagens	A filha de um chefe selvagem, uma jovem índia, aparece grávida misteriosamente, que visa proteger a sua filha da fúria de seu pai.	A índia Ombi, a pedido de seu esposo, visa proteger uma planta para que todos da sua tribo possam ter o que comer.
Proto-História	Em tempos idos residia numa tribo nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém, uma filha e um chefe selvagem.	Quando a gente de uma tribo pampeana terminou a sua primeira plantação de milho, festejou o acontecimento com danças e cantos rituais.
Situação Inicial	Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém.	Sucedeu que a tribo em pouco tempo, se viu em perigo e o acampamento vibrou com gritos de guerra. E foi assim que todos os homens tinham de ir embora, dispostos a defender seus domínios. Deixando apenas os idosos e um punhado de mulheres, responsáveis pelas tarefas diárias do acampamento.
Sequências	<p>A primeira sequência: Inicia quando o chefe quis punir, o autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Termina quando o chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem.</p> <p>A segunda sequência: Quando a criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor e termina quando da sua sepultura brotou uma planta, cresceu, floresceu e deu frutos, conhecida como mandioca.</p>	<p>A primeira sequência: Inicia quando o cacique, antes de partir, recomendou a sua esposa, Ombi, o cuidado da pequena semente. Passaram-se muitos dias, a dedicação da mulher deu seus frutos e uma tarde, comovida, descobriu os primeiros talos. Termina quando ocorreu uma grande seca que atingiu a região.</p> <p>A segunda sequência: Inicia quando Ombi comprovou, desesperada, que as plantas quais havia conseguido crescer secaram uma após a outra. Termina quando a índia quase não saía do lugar, e redobrava seus cuidados para salvá-las.</p> <p>A terceira sequência: Inicia quando Ombi comprovou, entristecida, que na pequena sombra só ficava uma planta. Decidida não perdê-la, chorando, ajoelhou-se ao seu lado e a cobriu com o corpo para</p>

		<p>protegê-la do sol, enquanto as suas lágrimas umedeciam a terra ressecada. E lá ela ficou para sempre, e termina quando todos choraram a perda da índia e em sua memória, chamaram Ombú àquela planta.</p>
<p>Ações executadas pelas personagens</p>	<p>Designação: Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém.</p> <p>Interrogatório: O chefe quis punir, o autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos.</p> <p>Mediação: O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem.</p> <p>Dano: A criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar.</p> <p>Recompensa: A planta que nasce do corpo de Mani passa a ser alimento para a tribo.</p> <p>Regresso: O corpo de Mani voltou à terra como uma planta, que cresceu, floresceu e deu frutos, conhecida como mandioca.</p>	<p>Partida: A tribo se viu em perigo e o acampamento vibrou com gritos de guerra. E foi assim que todos os homens tinham de ir embora, dispostos a defender seus domínios.</p> <p>Designação: O cacique, antes de partir, recomendou a sua esposa, Ombi, o cuidado da pequena semente.</p> <p>Dano: Ocorreu uma grande seca que atingiu a região. Um vento quente terminou por desolar a região. Ombi comprovou, desesperada, que as plantas quais havia conseguido crescer secaram uma após a outra. Decidida não perdê-las, chorando, ajoelhou-se ao seu lado e a cobriu com o corpo para protegê-las do sol, enquanto as suas lágrimas umedeciam a terra ressecada. E lá ela ficou para sempre.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Passaram-se os dias e ao ver que Ombi não voltava, sua gente saiu para buscá-la. A única coisa que encontraram foi uma planta de milho que, embora fraca, se mantinha de pé, protegida pela sombra de uma erva gigantesca que crescia muito em torno dela.</p> <p>Recompensa: A erva gigantesca que surge do corpo de Ombi passa a ser sombra, para que a planta de milho sobreviva e sirva de alimento ao seu povo.</p> <p>Regresso: O corpo de Ombi voltou à terra como uma erva gigantesca, chamada de Ombú.</p>

Elemento Ar		
Versão	UIRAPURU (versão brasileira)	A TRISTEZA DO URUTAÚ (versão argentina)
Autor(a)	BRITTO, Apolonildo Senna. Lendário Amazônico . Manaus: Norte Editorial, 2007.	MARTÍNEZ, Paulina. Leyendas Argentinas . Buenos Aires: Sigmar, 2010.
Cenário	Gira em torno da natureza. Quanto a localização geográfica está situada na região amazônica brasileira.	Gira em torno da natureza. Quanto a localização geográfica aborda os índios guaraníes, situados no nordeste da Argentina.
Personagens	Apresenta um jovem guerreiro que busca o amor de sua amada, a esposa de um grande cacique.	Cuimaé, é um jovem cacique de uma tribo vizinha, que busca o amor de sua amada Ñeambuí, uma jovem índia, que se apaixonou por um índio inimigo.
Proto-História	Numa tribo vivia um grande cacique com sua esposa.	Ñeambuí era filha de um valente cacique guarani que havia se instalado com sua gente em um lugar bonito, muito cobiçado por seus vizinhos. Fazia tempo que Cuimaé, o jovem cacique de uma tribo vizinha, estava apaixonado por Ñeambuí.
Situação Inicial	Quando um jovem guerreiro apaixonou-se pela esposa de um grande cacique, mas como não podia amá-la, pediu a Tupã que o transformasse em pássaro.	Um dia, seu pai lhe ordenou que aceitasse Cuimaé como esposo, assim as duas tribos unidas podiam lutar melhor contra qualquer invasor. Ñeambuí obedeceu ao pedido de seu pai e Cuimaé, feliz, começou os preparativos para o casamento. Quando em uma manhã, a jovem escutou gritos, e ao sair de sua tenda viu os guerreiros sendo recrutados para a luta, uma tribo vizinha se preparava para atacá-los e o cacique, ajudado por Cuimaé, estava decidido a lutar até as últimas consequências.

<p>Sequências</p>	<p>A primeira sequência: Inicia quando a divindade maior, Tupã, atende o desejo e termina quando transforma o jovem guerreiro em pássaro.</p> <p>A segunda sequência: Inicia quando o cacique persegue a ave na floresta, onde ele se perde para sempre e termina quando o Uirapuru volta a aldeia catando para sua amada, à espera de que um dia ela descubra o seu canto e encanto.</p>	<p>A primeira sequência: Inicia quando de repente, Ñeambuí escutou um estranho lamento, se aproximou e viu um jovem índio caído no chão. Por sua vestimenta, se deu conta de que era de uma tribo inimiga e ao chegar perto dele, descobriu que tinha uma profunda ferida em sua perna. Termina quando a jovem com todas suas forças o arrastou até escondê-lo atrás de sua tenda, que ficou apertada.</p> <p>A segunda sequência: Inicia quando escutaram gritos de alguns soldados trazendo como prisioneiro o jovem inimigo. O cacique ordenou que o prendessem imediatamente. A garota lamentou, Cuimaé escutou e observou a palidez de seu rosto e mil desconfianças o invadiram. Termina quando Ñeambuí foi sigilosamente à tenda do prisioneiro, conseguiu desamarrar as cordas que o prendiam e os dois fugiram para a montanha.</p> <p>A terceira sequência: Inicia quando Cuimaé enlouquecido de ciúmes segue e atinge os jovens com sua flecha. Termina quando os deuses se compadeceram de Cuimaé e o transformaram em uma ave.</p>
<p>Ações executadas pelas personagens</p>	<p>Proibição: Um jovem guerreiro apaixonou-se pela esposa de um grande cacique.</p> <p>Carência: O jovem guerreiro pediu a Tupã que o transformasse em pássaro.</p> <p>Perseguição: O cacique que notou seu canto e, de tão fascinante era, perseguiu a ave para prendê-la só para si. O Uirapuru, porém, rumou para a floresta, onde o cacique se perdeu para sempre.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: A divindade maior ouviu-lhe e o transformou num pássaro vermelho-telha.</p> <p>Recompensa: A ave que surge do</p>	<p>Designação: O pai de Ñeambuí lhe ordenou que aceitasse Cuimaé como esposo, assim as duas tribos unidas podiam lutar melhor contra qualquer invasor.</p> <p>Proibição: Ñeambuí se apaixonou pelo jovem índio inimigo.</p> <p>Salvamento: Ñeambuí, fazendo um grande esforço, conseguiu desamarrar as cordas que prendiam o jovem índio inimigo e os dois fugiram para a montanha.</p> <p>Perseguição: Cuimaé, enlouquecido de ciúmes, seguiu Ñeambuí e o jovem índio inimigo.</p> <p>Dano: Ñeambuí e o jovem índio inimigo fugiram para a montanha.</p>

	<p>corpo do jovem guerreiro passa a cantar para sua amada.</p> <p>Regresso: O jovem virou uma ave, o Uirapuru. Desde então, continua catando para sua amada, à espera de que um dia ela descubra o seu canto e seu encanto.</p>	<p>Desesperado, Cuimaé sacou a flecha mais afiada que tinha, armou seu arco, e lançou a flecha com força sobrehumana. Ñeambuí e o jovem foram atingidos, nesse momento a selva vibrou bruscamente, balançando por um riso de louco.</p> <p>Reparação ao dano inicial ou a carência é reparada: Amor e ódio se tornaram muito fortes para Cuimaé, porém os deuses se compadeceram dele e o transformaram em uma ave.</p> <p>Recompensa: A ave que surge do corpo de Cuimaé passa a cantar suas tristes lamentações.</p> <p>Regresso: O jovem virou uma ave, o Urutaú. Este percorre os campos com suas tristes lamentações. Todas as noites ele chora por sua amada e só descansa ao amanhecer.</p>
--	---	--

6 CONCLUSÃO

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa notamos, principalmente, o aspecto da universalidade das lendas, bem como a grande relevância que os elementos universais, água, fogo, terra e ar possuem nas narrativas lendárias. Uma vez que a análise aqui realizada das histórias estudadas revelou como uma lenda relatada na Argentina, pode se aproximar e até se assemelhar de uma narrativa do Brasil, pois apesar da distância, esses países compartilham da mesma necessidade: a de buscar explicações sobre a criação do mundo e de que o cerca, seja uma intuição, um fenômeno, uma espécie vegetal ou mesmo, um comportamento humano.

Com essa investigação, compreendemos que as sociedades, tanto da pré-história como as de hoje, possuem uma cultura, ou seja, suas tradições, seus conceitos, suas atitudes e crenças. Entretanto, cada uma e ao seu modo, com suas particularidades, tem seus próprios valores e suas verdades. Nesse sentido, a cultura da tradição oral precisa ser valorizada, para que as histórias contadas pelos nossos antepassados não sejam esquecidas, já que o homem precisa conhecer o seu passado, as suas raízes, para entender sua própria história.

Nas versões das lendas identificadas e estudadas, tanto nas quatro brasileiras, como nas quatro argentinas, percebemos que são muitas as situações criadas pelos autores, mas que em determinados momentos, se assemelham. Nos cenários, a natureza sempre está presente. Na maioria das versões, as personagens são jovens indígenas que vivem na floresta. A temática do ressurgimento, também, se encontra em quase todas, onde as personagens sofrem algum dano ou carência, e logo depois, este é reparado pela compaixão dos deuses, que os transformam em alguma espécie (seja do plano vegetal, animal ou mineral) para retornar ao mundo, realizando o que tanto desejava.

Portanto, apesar da carência de fontes escritas, acerca da cultura de tradição oral Argentina, nos acervos bibliográficos brasileiros, encontramos versões que possibilitaram um estudo satisfatório. Confiamos que as lendas ultrapassam o tempo e o espaço, é uma tradição oral milenar, cujo valor cultural faz reviver uma realidade, a qual explana curiosidades religiosas, os padrões sociais e as pretensões morais da sociedade, mas ainda são poucos os registros encontrados. Sendo assim, construímos um acervo de lendas que está disponível a todos àqueles que têm a curiosidade de estudar os mistérios lendários, bem como da sua região e de outros lugares ou de outros continentes.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José. **Os mistérios da Amazônia**. Manaus: Editora Uirapuru, 2004.

AMOR, **Contos e lendas** de. Co-edição latino-americana. Plus Ultra: Argentina, 1984.

ANDRADE, Moacir. **Nheegaré – Ou Poranduba dos Dabacuris**: estórias dos beiradões amazônicos. Manaus: Madrugada, 1985.

ANTONY, Leandro. **Folclore Amazonense**. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1976.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico – etimológico da mitologia grega**. Volume I e II. Petrópolis, Vozes. RJ 2000.

BRASIL, Altino Berthier. **Amazônia legendária**. Porto Alegre: Possenato Arte & Cultura, 1999.

BRITTO, Apolonildo Senna. **Lendário Amazônico**. Manaus: Norte Editorial, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. Editora Ática, SP, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Perspectiva, SP, 2002.

LIMA, Antônia Silva de. **A lenda da Vitória Régia**: dois olhares para um mesmo destino. Tese de doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **O selvagem**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

MARTÍNEZ, Paulina. **Leyendas Argentinas**. Buenos Aires: Sigmar, 2010.

PEREIRA, Nunes. **Moronguétá:** Um Decameron Indígena. Editora Civilização Brasileira S.^a
Rio de Janeiro: 1967. Vol I e II.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso.** Rio de Janeiro: Ed. Forense
Universitária, 1984.

SEABRA, Zelita. **Tempo de camélia:** o espaço do mito. Rio de Janeiro: Record, 1996.

8 CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2011	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2012	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1	Identificação das versões das lendas.	R	R										
2	Escolha das versões a serem analisadas.			R									
3	Leitura detalhada da história, para identificação de pontos semelhantes e não semelhantes nas histórias.			R	R								
4	Registro e sistematização dos pontos encontrados nas lendas.				R	R	R						
5	Elaboração de relatório Parcial.						R						
6	Análise comparativa das versões							R	R	R			
7	Elaboração de um quadro comparativo a partir de pontos identificados como cenário da história, as personagens, a sequência da história, a projeção das ações das personagens e outros pontos a serem identificados									R	R	R	

